



UFRJ

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
CURSO DE PEDAGOGIA

YASMIN BARBOSA DA SILVA SANTANA

**RELAÇÕES ENTRE A EDUCAÇÃO AMBIENTAL E A
PEDAGOGIA EM PRODUÇÕES VEICULADAS NO EPEA
(2001-2019): UMA ANÁLISE CURRICULAR**

RIO DE JANEIRO

2022

Yasmin Barbosa da Silva Santana
Graduação em Pedagogia

**RELAÇÕES ENTRE A EDUCAÇÃO AMBIENTAL E A PEDAGOGIA
EM PRODUÇÕES VEICULADAS NO EPEA (2001-2019):
UMA ANÁLISE CURRICULAR**

Trabalho acadêmico de conclusão de curso, apresentado como requisito para a obtenção do título de Licenciatura Plena em Pedagogia, pela instituição superior de ensino Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ).

Orientador(a): Marcia Serra Ferreira

RIO DE JANEIRO
2022

Yasmin Barbosa da Silva Santana

Graduação em Pedagogia

**RELAÇÕES ENTRE A EDUCAÇÃO AMBIENTAL E A PEDAGOGIA
EM PRODUÇÕES VEICULADAS NO EPEA (2001-2019):
UMA ANÁLISE CURRICULAR**

Trabalho acadêmico de conclusão de curso, apresentado como requisito para a obtenção do título de Licenciatura Plena em Pedagogia, pela instituição superior de ensino **Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)**.

Orientador(a): **Marcia Serra Ferreira**

A banca examinadora dos Trabalhos de Conclusão, em sessão pública realizada em 20/12/2022, considerou o (a) candidato (a): **APROVADO**.

- 1) Juliana Marsico Correia da Silva
- 2) Maria Margarida Pereira de Lima Gomes
- 3) Marcia Serra Ferreira (Orientadora)

Dedicatória

Aos meus pais, irmão e toda a minha família que me deram forças e incentivos para que eu chegasse até aqui. Para a minha psicóloga que me ajudou no momento mais difícil e me ajudou a não desistir. E, aos amigos que sempre estiveram ao meu lado, me apoiando e torcendo por mim. E, a Deus que sempre escutou as minhas murmurações. Agradeço de todo meu coração.

Agradecimento

Dedico esta monografia a Deus, aos meus pais e irmão, que nunca desistiram de mim e nunca duvidaram da minha capacidade. Eles nunca me abandonaram. E, as minhas avós que foram minhas guias nessa caminhada.

À professora Marcia Serra Ferreira pela sua atenção, carinho e paciência nesses dois longos anos. A pandemia atrasou a conclusão desta monografia, mas continuamos firmes, mesmo distantes. Sou grata por tudo.

Resumo

O trabalho objetivou investigar como as relações entre a Educação Ambiental (EA) e a Pedagogia têm sido enunciadas na área de Ensino de Ciências. Focalizando os objetivos, referenciais teóricos, metodologias e fontes de estudo, a intenção foi perceber o modo como essas relações produzem ideias sobre a formação de professores para a educação infantil e as séries iniciais do ensino fundamental. Foram analisados os textos apresentados e publicados nas dez edições (2001-2019) do evento mais importante de pesquisa na área: o Encontro Nacional de Pesquisa em Educação Ambiental (EPEA), que ocorre no país bianualmente desde 2001. Na montagem do arquivo, os textos foram categorizados, inicialmente, entre aqueles que abordam o tema Formação de Professores e os que abordam o tema Pedagogia. Posteriormente, os mesmos textos foram categorizados por assuntos/temas: Pesquisa em escola; Pesquisa no curso de Pedagogia; Pesquisa com professor de universidade e/ou de escola; Pesquisa sobre currículo; Pesquisa feita em/a partir de fóruns/ eventos/ propostas/ periódicos; Pesquisa teórica; Pesquisa sobre formação continuada; Pesquisa envolvendo vivência do autor. Na análise, foi observada uma significativa produção acadêmica abordando essas relações. Notou-se a existência de uma preocupação em relação ao meio ambiente na formação do pedagogo, problematizando de que forma este profissional pode contribuir para melhorar o ambiente dentro e fora de sala de aula. Os resultados e conclusões indicaram as escolas e universidades como espaços formativos importantes para que os pedagogos abordem a EA como parte dos currículos que ensinam. É nesse contexto que novos paradigmas, currículos contextualizados a aproximações com a EAD e com a Arte são percebidos, por exemplo, como possibilidades de trazer a EA para a formação e o trabalho dos pedagogos. É nele também que termos como 'EArte' e 'Ecopedagogia' emergem como potentes para pensar as relações entre a EA e a Pedagogia, em um movimento que produz a importância e a 'necessidade' de abordar a temática nesses cursos. Isso tem conferido prestígio para a EA tanto como temática de pesquisa quanto como um conteúdo curricular no curso de Pedagogia, assumindo que o pedagogo deveria ser primeiro a abordar essa temática, de forma menos específica, na vida acadêmica dos estudantes.

Sumário

Introdução	07
Cap I – Currículo, História do Currículo e Educação Ambiental	10
Cap II – O EPEA e a Construção do arquivo de Pesquisa	16
II.1 – Um panorama das edições do EPEA (2001-2019)	16
II. 2 – Aprofundando a análise das produções do EPEA (2001-2019)	23
Cap III – Relações entre a Educação Ambiental e a Pedagogia: investigando sentidos nas produções acadêmicas	26
II. 1 – Investigando sentidos no arquivo de pesquisa	26
Considerações Finais	37
Referências Bibliográficas	39
Fontes de Estudo	41

INTRODUÇÃO

Este trabalho tem como objetivo investigar como as relações entre a Educação Ambiental e a Pedagogia têm sido enunciadas na área de Ensino de Ciências. Focalizando os objetivos, os referenciais teóricos, as metodologias e as fontes de estudo, interessa-me, especificamente, perceber o modo como essas relações produzem ideias sobre a formação de professores para a educação infantil e as séries iniciais do ensino fundamental. Para realizar essa tarefa, optei por analisar os textos apresentados e publicados nas dez (10) edições do evento mais importante de pesquisa na área: o Encontro Nacional de Pesquisa em Educação Ambiental (EPEA), que ocorre no país bianualmente desde o ano de 2001.

Minha opção por investigar as relações entre Educação Ambiental e Pedagogia refere-se ao fato de que, desde criança, as questões ligadas à natureza me interessam e me fascinam. Ainda que em minha trajetória escolar eu tenha tido poucas oportunidades de vivenciar experiências de ensino mais centralmente voltadas para a abordagem da temática ambiental, três experiências vividas no sexto ano em aulas com trabalhos de campo nas disciplinas escolares Geografia e Biologia impactaram fortemente essa trajetória. Todas aconteceram no mesmo ano, ainda que em momentos distintos, e marcaram profundamente a minha passagem pela escolarização. No entanto, após ingressar no ensino médio, não tive nenhuma outra oportunidade como aquelas vivenciadas no ensino fundamental.

A primeira dessas experiências refere-se a uma ida a um Manguezal localizado no município do Rio de Janeiro. Nessa área, havia uma família que morava próximo a esse mangue e que ajudava a cuidar dos (e a preservar os) animais daquela área. A família contou um pouco dos cuidados que precisava ter para adentrar ao mangue e, logo em seguida, entramos no local enquanto a maré estava baixa. Essa oportunidade de entrar no mangue e ver de perto as espécies que ali viviam foi extremamente enriquecedora em minha experiência como estudante e como ser humano. A segunda experiência se deu na Praia da Urca, onde pude ter contato com biólogos marinhos e ouvir um pouco sobre o trabalho que faziam naquela área, sobre a preservação daquelas espécies, além de ver de perto e pegar algumas espécies de animais marinhos, como pepino-do-mar, polvo, lula e ouriço-do-mar. A terceira experiência, por fim, foi no Instituto Chico Mendes (ICMBio), onde pude ouvir um pouco sobre algumas espécies de cobras e os animais que ali vivem, com destaque para o momento em que fomos apresentados a algumas cobras que ali existem e pude segurar um dos animais.

Meu interesse e fascínio pelas questões ligadas à natureza foram retomados quando, ao ingressar no curso de Pedagogia da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), nesse ambiente acadêmico pude perceber, através das vivências e trocas com pessoas diferentes e professores, a relação entre a Educação Ambiental e Pedagogia. Até então, eu não tinha ideia de que a Pedagogia e a Educação Ambiental pudessem ‘andar de mãos dadas’; somente a partir dos estudos realizados nessa disciplina eu pude perceber que poderia investir nessa área de estudos e trabalhar com a Educação Ambiental desde o início da escolarização de meus futuros estudantes. Com tal experiência, passei a me questionar acerca do porquê de uma temática tão importante ser pouco abordada no curso de Pedagogia. Com tais questionamentos, passei a me interessar pelos debates no campo do Currículo, em especial, pelos estudos históricos, entendendo que esses poderiam me auxiliar nas reflexões sobre eles.

Como já mencionado, a escolha por investigar as relações entre a Educação Ambiental e a Pedagogia a partir de um arquivo de pesquisa composto por produções apresentadas nas dez (10) edições do EPEA e publicadas em anais refere-se ao fato de que este é o maior evento acadêmico da área no país. Assumo, então, que conhecer esse evento é de extrema importância para o pedagogo interessado nas questões ligadas à natureza. A leitura e análise desse arquivo de pesquisa, com foco nas relações já referidas, me possibilita refletir acerca das maneiras pelas quais a Educação Ambiental pode ser abordada e trabalhada nas salas de aula das séries iniciais, seja em escolas ou na formação inicial, além de ter sido criado por pesquisadores que buscam se aprofundar nessa temática. Afinal, o EPEA é um espaço privilegiado para a discussão de como a Educação Ambiental pode ser abordada em todos os níveis de ensino.

Em levantamento preliminar, foram encontrados textos ligados à formação de professores no curso de Pedagogia. Assim, mesmo que a organização inicial desse evento esteja centralmente relacionada a grupos de pesquisa ligados às Ciências Biológicas e ao seu ensino – como mostra o trecho a seguir –, ele se mostrou potente para a realização deste estudo. Afinal,

O EPEA surgiu a partir de uma série de reuniões conjuntas, desde 2000, do Grupo de Pesquisa “A Temática Ambiental e o Processo Educativo” do Programa de Pós-Graduação em Educação – IB – UNESP/Rio Claro, associado ao Grupo de Pesquisa em Educação Ambiental – GEPEA, vinculado aos Programas de Pós-Graduação em Ecologia e Recursos Naturais e ao Programa de Pós-Graduação em Educação da UFSCar e ao Grupo de Pesquisa em Ensino de Ciências e de Educação Ambiental do Laboratório Interdisciplinar de Formação do Educador – LAIFE, da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, da USP/Ribeirão Preto, que assumiram conjuntamente a tarefa de organizar, em 2001, o I Encontro de Pesquisa em Educação Ambiental (EPEA).¹

¹ Apresentação. In: *Encontro Pesquisa em Educação Ambiental*. 2001. Disponível em <http://www.epea.tmp.br/>. Acesso em 1 de março de 2022.

Ao compor o meu arquivo de pesquisa a partir das produções acadêmicas veiculadas nas dez (10) edições do EPEA, busquei perceber que temáticas, objetivos, metodologias e fontes de estudo vieram produzindo as relações entre a Educação Ambiental e a Pedagogia no país. Em especial, estive atenta à seguinte questão: *Que sentidos essa produção acadêmica produz e veicula sobre a formação de professores e, em particular, sobre a formação em Pedagogia?*

Com vistas a responder essa questão, organizei esta monografia em três (3) capítulos: no primeiro, abordo os referenciais teóricos do campo do Currículo e da Educação Ambiental que me auxiliaram tanto na construção de meu objeto de estudo quanto na análise realizada; no segundo, apresento a constituição do meu arquivo de pesquisa a partir das produções acadêmicas do EPEA; no terceiro, analiso os sentidos que essa produção acadêmica produz e veicula, significando aquilo que conta como a ‘boa’ e ‘adequada’ formação nos cursos de Pedagogia. Por fim, em minhas considerações finais, trago mais alguns elementos da análise para refletir sobre como as relações entre a Educação Ambiental e a Pedagogia têm sido enunciadas.

CAPÍTULO I

Currículo, História do Currículo e Educação Ambiental

Para investigar como as relações entre a Educação Ambiental e a Pedagogia têm sido enunciadas na área de Ensino de Ciências a partir da análise de produções acadêmicas veiculadas no EPEA, me apoio nas discussões do campo do Currículo, em particular da História do Currículo. Faço isso assumindo que essas produções acadêmicas participam da produção de significados que ‘povoam’ os currículos universitários e escolares, nos informando sobre que Educação Ambiental devemos ensinar tanto nos cursos de Pedagogia quanto nas séries iniciais.

De acordo com Ivor Goodson (1997), o currículo “é um artefato social, criado para realizar determinados objetivos humanos específicos”. No entanto, o currículo tem sido tratado como um ‘dado’, sem que a seleção, a organização e a distribuição dos conhecimentos e métodos de ensino sejam necessariamente problematizadas. No percurso escolar, por exemplo, os estudantes acabam tendo preferências por algumas disciplinas, conhecimentos e temáticas. No meu percurso, o fato de aprender mais facilmente em algumas disciplinas resultava em rejeitar outras nas quais eu tinha mais dificuldades. Nesse cenário, muitas vezes os estudantes acabam culpando o professor, a escola ou o horário, mas o autor acredita que um elemento central nesse debate é a forma ou o conteúdo do próprio currículo (GOODSON, 1997). Além das reações individuais de estudantes e professores, existem as reações coletivas em relação ao que historicamente habita o currículo; quando os padrões curriculares são explicitados e colocados em evidência, percebe-se que o currículo não é um fator (ou um elemento) ‘neutro’ nos processos de escolarização.

O currículo é, portanto, um conceito ilusório e multifacetado, podendo ser um conceito ‘escorregadio’, na medida em que se define, redefine uma série de níveis e de campos, sendo muito difícil identificar seus pontos de conflito e disputas (GOODSON, 1997). Além disso, o currículo se diferencia significativamente em função das estruturas e padrões locais, regionais e nacionais, sendo considerado, para William Pinar (2016), uma “conversa complicada”. De acordo com esse autor,

Estruturado por diretrizes, focado em objetivos, excessivamente voltado para resultados, o currículo escolar luta para permanecer conversa. É uma conversa - esforços de entendimento por meio da comunicação - entre alunos e professores, indivíduos que efetivamente existem em determinados lugares e dias, ao mesmo tempo pública e privada. O fato de alunos e professores serem indivíduos complica consideravelmente a conversa, e frequentemente de formas desejáveis, em razão de cada pessoa trazer para o que estiver sendo estudado seu conhecimento prévio, suas circunstâncias atuais, seu interesse e, sim, seu desinteresse. (...) Acrescente-se a isso o

local ou região em que o currículo é vivido, o país (sua história e conjuntura), a situação do planeta, expressada específica e globalmente no clima (com mudanças climáticas catastróficas nos ameaçando a todos) (...). Há também o fato da escola individual, apesar de essa instituição ter com frequência recebido ênfase excessiva nos esforços para melhorar o currículo. É a experiência vivida do currículo – *currere*, o correr do curso -, em que o currículo é experimentado e vivido (PINAR, 2016, p. 19-20).

Para uma melhor compreensão dessa “conversa complicada”, autores como Ivor Goodson (1997) têm recorrido à História, assumindo que o currículo escolar é um “artefato social” pensado para realizar determinados objetivos para grupos específicos em detrimento de outros, servindo como mecanismo de diferenciação e inclusão/exclusão. Em concordância com esse autor, o *Grupo de Estudos em História do Currículo* da UFRJ – coletivo de pesquisa no qual esta monografia se insere – tem produzido estudos que investem na historicização de currículos acadêmicos e escolares. Afinal, historicizar o modo como esses currículos foram construídos pode servir para entender as razões pelas quais certas escolhas vão sendo feitas, de modo a “desnaturalizar” os processos de seleção, de organização e de distribuição daqueles conhecimentos que, ao longo do tempo, vieram sendo socialmente ‘validados’.

Do ponto de vista da História do Currículo, penso que a Educação Ambiental é um interessante exemplo de como as disputas em torno dos conhecimentos a serem validados na escola vêm se dando. Afinal, as discussões em torno de como essa temática deve entrar nos currículos (de forma disciplinar ou não) e quem deve ministrá-la é parte constituinte da própria Educação Ambiental como área do conhecimento. Além disso, de acordo com Política Nacional de Educação Ambiental (BRASIL, 1999), esta deve ser desenvolvida dentro do currículo das instituições de ensino públicas e privadas, abarcando todos os níveis e modalidades de ensino. Em meio a essa demanda, se acirram os debates acerca de como a Educação Ambiental deve habitar a escola, seja participando de disciplinas escolares já tradicionalmente existentes no currículo, seja ‘inventando’ uma nova disciplina ou outros formatos curriculares. Torna-se importante, então, entender os movimentos que vêm possibilitando a existência dessa temática nos espaços escolares.

Sobre essa questão, Maria Jacqueline Girão Soares de Lima & Marcia Serra Ferreira (2010) afirmam que muitos autores da área permanecem recomendando que os trabalhos em Educação Ambiental sejam realizados sob uma perspectiva interdisciplinar, assumindo que esta seria a principal forma de reunir a perspectiva ambiental à social e de criar um diálogo efetivo entre os diferentes saberes. Para essas autoras, em muitos casos as práticas educativas que acontecem nas instituições educacionais são consideradas ‘limitadas’ e ‘descoladas’ da realidade dos estudantes da Educação Básica, razão pela qual os trabalhos assumem que a

Educação Ambiental não deve operar na lógica disciplinar (LIMA & FERREIRA, 2010).

De acordo com as referidas autoras (LIMA & FERREIRA, 2010, p. 234), “a forte presença de discursos em defesa da interdisciplinaridade e de uma não disciplinarização nessa área tem funcionado como um mecanismo produtor de homogeneidades sobre a mesma no âmbito escolar”. Isso acontece porque a emergência da Educação Ambiental ocorreu no seio do movimento ambientalista, no qual foi incorporado por conceitos, principalmente, da Filosofia, da Sociologia e da Psicologia. Nesse movimento,

(...) a EA foi sendo produzida em meio a um hibridismo de sentidos relativos aos princípios e aos diferentes espaços de criação e de veiculação de seus conhecimentos e práticas: universidades, ministérios e secretarias de educação, escolas, empresas, organizações não governamentais, unidades de conservação e museus, entre outros (LIMA & FERREIRA, 2010, p. 235).

A interdisciplinaridade se coloca, portanto, como “um dos princípios metodológicos mais reconhecidos” na área (LIMA & FERREIRA, 2010, p. 237), ainda que esta noção não tenha recebido maiores esforços na sistematização de seus referenciais ou na tentativa de produzir algum tipo de consenso acerca dos inúmeros significados que são atribuídos a este termo:

(...) em alguns deles, por exemplo, a interdisciplinaridade tem o sentido de “interação de diferentes conhecimentos científicos acerca da temática ambiental”; em outros, é tida como “um incentivo a uma postura integrativa”; em outros, ainda, trazem a interdisciplinaridade como “um processo intermediário à perspectiva multi, pluri ou transdisciplinar”, ou como “superação do paradigma racionalista da ciência moderna” (CAVALARI *et al.*, 2006, p. 162 *apud* LIMA & FERREIRA, 2010, p. 237).

Ou seja, mesmo havendo um aparente consenso envolvendo a interdisciplinaridade e, conseqüentemente, a não disciplinarização da Educação Ambiental, as variações de significados abrem inúmeras possibilidades de ressignificações (LIMA & FERREIRA, 2010). Para Cecilia Santos de Oliveira (2019), a Educação Ambiental resulta de discursos em várias áreas do conhecimento, envolvendo tanto as teorizações e definições do campo acadêmico da área quanto políticas curriculares e legislações relativas ao tema, assim como especificações relacionadas ao próprio trabalho docente e ao conhecimento escolar. Assim, para que a Educação Ambiental seja realizada de forma produtiva nas escolas, torna-se urgente que a temática seja abordada na formação de professores (OLIVEIRA, 2019).

Além disso, na Educação Ambiental vemos uma forte participação de alguns membros tanto nas ações do Ministério da Educação quanto nas comunidades disciplinares geralmente ligadas no ensino de Ciências e Biologia. Embora essa convergência de atuações contribua na produção de discursos que se querem homogêneos sobre a interdisciplinaridade e sobre a não disciplinarização, Cecilia Santos de Oliveira (2019) destaca o quanto ela abre possibilidades de

escape e de resistência a todo esse processo, já que os discursos se misturam com outros, o que dificulta o controle dos sentidos. Afinal, de acordo com Stephen Ball & Richard Bowe (1992 *apud* LIMA & FERREIRA, 2010), as instituições e os grupos disciplinares têm diferentes histórias, concepções pedagógicas e formas de organização, reinterpretando de forma particular os discursos dos documentos curriculares. Assim, os textos que circulam por entre os corpos docentes das instituições de ensino básico acabam sendo fragmentados, com alguns trechos sendo mais valorizados do que outros e determinados assuntos e temas ganhando mais visibilidade.

Assim como Cecilia Santos de Oliveira (2009, p. 14), acredito que o currículo não é algo fixo e universal, e sim uma “seleção de conhecimentos dentro de um universo muito mais amplo de possibilidades”, o que significa que não existe um conteúdo ou temática que deveria ser obviamente ensinado e aprendido. Em tal perspectiva, o currículo é entendido como efeito de lutas e conflitos entre diferentes grupos e níveis sociais, onde cada um desses grupos e níveis valoriza certos conhecimentos. Isso significa assumir, no diálogo com Antonio Flavio Moreira & Tomaz Tadeu da Silva (2006, p. 8 *apud* OLIVEIRA, 2009, p. 14) que:

O currículo não é um elemento inocente e neutro de transmissão desinteressada do conhecimento social. O currículo está implicado em relações de poder, o currículo transmite visões sociais particulares e interessadas, o currículo produz identidades individuais e sociais particulares. O currículo não é um elemento transcendente e atemporal – ele tem uma história, vinculada a formas específicas e contingentes de organização da sociedade e da educação.

O currículo é, portanto, como afirma Goodson (1997), uma construção social, podendo mudar de acordo com a época, com os interesses políticos, sociais, econômicos, em meio às diversas relações de poder existentes. A emergência da Educação Ambiental tanto como área do conhecimento quanto como conhecimento a ser curricularizado na escola e na universidade é efeito dessa construção, sendo o resultado das inúmeras lutas por significá-la e lhe conferir *status* e prestígio social. Não é à toa que, para Carlos Frederico Bernardo Loureiro (2012 *apud* OLIVEIRA, 2019), a Educação Ambiental é hoje uma realidade, estando em diferentes espaços: na gestão ambiental, nas escolas, nos movimentos sociais, na universidade e na vida cotidiana de pessoas, grupos e classes sociais. É dessa forma que a Educação Ambiental busca se fixar como um importante elemento na educação brasileira.

A Educação Ambiental é vista, então, como um campo de pesquisa recente que ainda está no caminho para o seu fortalecimento como área de conhecimento. Ela é uma área do conhecimento em construção, onde múltiplos discursos circulam, disputam, hegemonomizam e fixam significados para a mesma. É um território contestado, passível de questionamentos e

problematizações. Nessa trajetória, a Educação Ambiental foi inserida e difundida em meados de 1980, mas para que adquirisse prestígio e se tornasse legítima nacionalmente, foram elaboradas as seguintes políticas: em 1999, foi instituída a Política Nacional de Educação Ambiental (Lei 9795/99); esta influenciou a criação, em 2012, as Diretrizes Curriculares Nacionais para Educação Ambiental (BRASIL, 2012). Desde então, cresce o debate em torno de uma formação de professores capaz de dar conta de informar os professores acerca de como abordar a temática na educação básica.

Cecilia Santos de Oliveira (2019), por exemplo, traz Maria G. Oliveira & Luiz Marcelo de Carvalho (2012) como forma de embasar a afirmação de que é necessário que a Educação Ambiental faça parte do currículo dos cursos de graduação, principalmente na formação de professores, já que:

Se entendermos a EA como uma prática educativa que procura articular os aspectos políticos, sociais, econômicos e ambientais no processo de formação dos sujeitos-cidadãos e a escola como espaço socialmente definido para a concretização dos processos educativos formais, a preparação do professor, visto como mediador desses processos, ganha relevância significativa do ponto de vista social e cultural. Assim, não podemos deixar de considerar que a inclusão da temática ambiental no processo de formação docente é hoje uma das exigências, dentre outras de natureza diversa, para que a escola tenha condições objetivas e concretas de cumprir sua função social (OLIVEIRA & CARVALHO, 2012, p. 253 *apud* OLIVEIRA, 2019, p. 15).

Em uma pesquisa focada em como a Educação Ambiental tem sido significada no curso de Licenciatura em Ciências Biológicas da Universidade Federal do Rio de Janeiro, Cecilia Santos de Oliveira (2019) percebe esse processo como uma ‘inovação curricular’ fomentada pelas recentes reformas educacionais nos cursos de licenciatura no país. Para a autora, ‘inovador’ não quer dizer algo completamente novo, oposto de velho ou que supere expectativas; para ela, diferentemente, no diálogo com Marcia Serra Ferreira (2005), o novo e o tradicional são parte de um mesmo processo e se constituem mutuamente. No diálogo com Ivor Goodson (1995), a autora destaca que as mudanças curriculares ocorrem em disputa com os processos que visam a manutenção de certas tradições, o que significa entender que:

(...) a estabilidade e a mudança nos currículos escolares não são processos excludentes, mas que, ao contrário, em certos casos são exatamente as modificações geradas pela incorporação de certas inovações que colaboram para a estabilidade das diferentes disciplinas escolares (FERREIRA, 2005, p. 6 *apud* SANTOS & FERREIRA, 2015, p. 155).

A leitura de todos esses estudos me permite entender que a principal questão a ser enfrentada não é se a Educação Ambiental deve estar nos currículos da educação básica e da formação de professores no formato disciplinar ou não; aqui, diferentemente, o que me interessa é perceber as disputas em torno desse processo, uma vez que são as tradições disciplinares que

dialogam com (e regulam) as intenções de mudança. Cecilia Santos de Oliveira (2019, p. 160) entende esse processo como “formador de um ordenamento possível para a temática, que a localiza, a especializa e a regula, circunscrevendo-a na formação de professores em Ciências Biológicas”. Nesse processo, a autora identifica as condições que vieram possibilitando que a Educação Ambiental passasse a ser percebida como um elemento importante em cursos de formação de professores, tais como:

Os discursos da Educação Ambiental são inter cruzados com múltiplos discursos como os que qualificam como necessidade a face a uma crise ambiental na atualidade; localiza o espaço educativo como privilegiado para abordagem da temática; posiciona o professor como sujeito participante do processo de Educação Ambiental (OLIVEIRA, 2019, p. 161).

Como já mencionado, a Educação Ambiental é uma área “multifacetada”, composta por inúmeras correntes político-pedagógicas, não podendo ser percebida “a partir de uma prática pedagógica monolítica, uma vez que (...) envolve diferentes concepções de natureza, meio ambiente, sociedade e educação, produzindo e hegemonizando sentidos e abordagens diferentes na consolidação do campo” (OLIVEIRA, 2019, p. 214). Assumo que ela é urgente e ‘necessária’ na sociedade atual, sendo importante que os seus conhecimentos estejam sendo transmitidos e disseminados nos diferentes níveis de escolarização – na escola e também na universidade –, ainda que um conjunto de regras e padrões estejam sendo permanentemente negociados em relação ao ‘o que é’ e ‘como deve ser’ a Educação Ambiental. É com tal perspectiva que, na próxima seção, apresento o Encontro de Pesquisa em Educação Ambiental (EPEA) e a construção do meu arquivo de pesquisa.

CAPÍTULO II

O EPEA e a construção do arquivo de pesquisa

Como já anteriormente explicitado, as relações entre a Educação Ambiental e a Pedagogia foram aqui investigadas em produções acadêmicas veiculadas nas dez (10) edições do Encontro de Pesquisa em Educação Ambiental (EPEA). A escolha dessas produções para a construção do meu arquivo de pesquisa toma como referência o fato de que o mesmo foi pensado e criado tendo como objetivos:

A discussão, a análise e divulgação de trabalhos de pesquisa em Educação Ambiental; o aprofundamento das discussões sobre as abordagens epistemológicas e metodológicas das pesquisas em Educação Ambiental; a identificação de práticas de pesquisa em Educação Ambiental que vêm sendo desenvolvidas no âmbito dos programas de pós-graduação e em outros espaços institucionais e não-institucionais.²

Tomando como referência o alcance e objetivos do EPEA, estou aqui assumindo que este evento reúne o que tem sido significado como conhecimento 'válido' sobre o tema. Afinal, sendo o principal evento de pesquisa em (e sobre) Educação Ambiental no país, ele nos dá um interessante panorama da produção científica na área em questão. É nesse contexto que, por meio da análise do que vem sendo enunciado e fixado em tais produções acadêmicas, busco perceber, em perspectiva histórica, como vem se dando as disputas em torno do que é (ou não é) Educação Ambiental e de como ela deve se integrar aos currículos acadêmicos e escolares, autorizando o que devemos saber sobre o tema e quem deve ensiná-lo.

II. 1 Um panorama das edições do EPEA (2001-2019)

Para a construção do meu arquivo de pesquisa, iniciei acessando o sítio eletrônico que reúne as dez (10) edições do EPEA.³ Nele, pude tanto acessar as produções acadêmicas quanto conhecer a história de constituição desses eventos. É sobre essa história que trata esta seção, com vistas a explicitar os contextos nos quais as produções acadêmicas analisadas neste estudo foram avaliadas e puderam circular, sendo apresentadas e publicadas.

O I EPEA, que teve como tema “Pesquisa em Educação Ambiental: tendências e perspectivas”, foi realizado em julho de 2001 na UNESP, no campus Rio Claro. Ele contou com quatrocentos e quarenta (440) participantes inscritos, vindos de vinte e dois (22) estados. A

² Apresentação. In: *Encontro Pesquisa em Educação Ambiental*. 2001. Disponível em <http://www.epea.tmp.br/>. Acesso em 1 de março de 2022.

³ <http://www.epea.tmp.br/>

comissão organizadora foi composta pelo Dr. Luiz Marcelo de Carvalho (UNESP), Dra. Clarice Sumi Kawasaki (USP), Dra. Denise de Freitas (UFSCar) e Dra. Haydée Torres de Oliveira (UFSCar) e, de acordo com os anais, foram submetidos ao evento cento e dezesseis (116) trabalhos, sendo setenta e seis (76) aceitos para apresentação.⁴ Na organização da programação, “(...) foram realizadas três conferências e duas mesas-redondas”. Sobre os convidados e as principais temáticas, temos nos anais que:

A conferência de abertura esteve a cargo do Prof. Dr. Gerd Bornheim, professor da Universidade Estadual do Rio de Janeiro e teve como título A Temática Ambiental na Sociedade Contemporânea. O Prof. Dr. Antonio Joaquim Severino, professor da Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo, segundo conferencista, desenvolveu o tema A Relevância Social e a Consistência Epistêmica da Pesquisa em Educação: subsídios para se avaliar a pesquisa em educação ambiental. A última conferência do Encontro foi proferida pelo Prof. Dr. Christopher Gayford, da Universidade de Reading, Inglaterra, que traçou um panorama da Pesquisa em Educação Ambiental no Reino Unido. As mesas-redondas tiveram como tema Pesquisa em Educação Ambiental no Brasil: formação de professores, currículo, movimentos sociais. Apresentamos nesta edição da revista Educação: Te olhares de diferentes regiões e Pesquisa em Educação Ambiental no Brasil: formação de professores, currículo, movimentos sociais’ (I EPEA, 2001).

O II EPEA continuou investindo na temática anteriormente proposta, buscando dar continuidade às discussões realizadas no primeiro evento ao propor como tema a “Pesquisa em Educação Ambiental: pressupostos teórico metodológicos”. O encontro foi realizado em julho de 2003 na Universidade Federal de São Carlos (UFSCar) e contou com duzentos e oitenta (280) participantes inscritos, vindos de oito (8) estados do país. A comissão organizadora foi então composta pela Prof^a. Dra. Denise de Freitas (UFSCar), Prof^a. Dra. Haydée T. de Oliveira (UFSCar), Prof. Dr. Luiz Marcelo de Carvalho (UNESP), Prof. Dr. Luiz Carlos Santana (UNESP), Prof^a. Dra. Rosa M. F. Cavalari (UNESP) e Prof^a. Dra. Clarice Sumi Kawasaki (USP). Foram encaminhados ao evento cento e quarenta (140) trabalhos, sendo setenta e dois (72) aceitos para apresentação.⁵

No evento foram realizadas três conferências: a conferência de abertura intitulada "A crise da razão e a revanche do irracional", que foi ministrada por Hilton Japiassu (UFRJ); a conferência intitulada "Pesquisa Educacional: questão de teoria e Método", que foi proferida por Marli Eliza Dalmazo Afonso de André (PUC-SP); a conferência internacional intitulada "Participatory Research in Environmental Education: some issues of methodology", que foi ministrada por Ian Robottom (Deakin University - Austrália). Além disso, de acordo com os anais do evento, no II EPEA “foram instituídos os Grupos de Discussão de Pesquisa – GDPs,

⁴ http://www.epea.tmp.br/epea2001_anais/welcome/

⁵ http://www.epea.tmp.br/epea2003_anais/welcome/

os quais, nessa primeira versão, se voltavam todos sobre um mesmo tema” (II EPEA, 2003).

O III EPEA, por sua vez, teve como temática as “Práticas de Pesquisa em Educação Ambiental”, tendo sido realizado em julho de 2005 na Universidade de São Paulo (USP), no campus Ribeirão Preto. O evento contou com trezentos e setenta e seis (376) participantes inscritos e vindos de vinte e um (21) estados. A comissão organizadora contou com os seguintes membros: Prof^a. Dra. Clarice Sumi Kawasaki (USP); Prof. Dr. Marcelo Tadeu Motokane (USP); Prof. Dr. Mauricio dos Santos Matos (USP); Prof^a. Dra. Dalva Maria Bianchini Bonotto (UNESP); Prof. Dr. Luiz Carlos Santana (UNESP); Prof. Dr. Luiz Marcelo de Carvalho (UNESP); Prof^a. Dra. Rosa Maria Feteiro Cavalari (UNESP); Prof. Dr. Amadeu José Montagnini Logarezzi (UFSCar); Prof^a. Dra. Denise de Freitas (UFSCar); Prof^a. Dra. Haydée Torres de Oliveira (UFSCar). Nesta terceira edição, foram encaminhados cento e dezesseis (116) trabalhos, sendo setenta e três (73) aceitos para apresentação.⁶

Neste III EPEA, os GDPs se propuseram a continuar o aprofundamento do tema do encontro anterior, procuraram analisar e discutir as diferentes abordagens “teórico-metodológicas das pesquisas em educação ambiental, porém, a partir das experiências dos diferentes grupos que desenvolvem pesquisa no país, seja na pós-graduação ou em outros espaços institucionais” (III EPEA, 2005).

Impactado pelos debates mais amplos do campo educacional, o IV EPEA teve como temática central as “Questões Epistemológicas Contemporâneas: o debate modernidade/pós-modernidade”. De acordo com os anais, tal escolha teve como objetivo “(...) aprofundar o debate sobre pressupostos epistemológicos inerentes à investigação do processo educativo, de maneira geral, e sobre aqueles relacionados com a temática ambiental, de modo particular” (IV EPEA, 2007). Realizado em julho de 2007 na UNESP, no campus Rio Claro, o evento contou com duzentos e sessenta e três (263) participantes inscritos, vindos de quinze (15) estados do país. A comissão organizadora contou com o Prof. Dr. Amadeu Logarezzi (UFSCar), a Prof^a. Dra. Clarice Sumi Kawasaki (USP), a Prof^a. Dra. Dalva Maria B. Bonotto (UNESP), a Prof^a. Dra. Denise de Freitas (UFSCar), a Prof^a. Dra. Haydée Torres de Oliveira (UFSCar), a Prof^a. Dra. Heloísa Sisle Cinquetti (UFSCar), o Prof. Dr. Luiz Carlos Santana (UNESP), o Prof. Dr. Luiz Marcelo de Carvalho (UNESP), o Prof. Dr. Marcelo Tadeu Motokane (USP), o Prof. Dr. Mauricio dos Santos Matos (USP) e a Prof^a. Dra. Rosa Maria F. Cavalari (UNESP). Foram encaminhados ao evento 226 trabalhos, sendo 87 aceitos para apresentação.⁷

⁶ http://www.epea.tmp.br/epea2005_anais/welcome/

⁷ http://www.epea.tmp.br/epea2007_anais/welcome/

Retornando ao significativo pesquisa, o V EPEA teve como temática central a “Configuração do campo da Pesquisa em Educação Ambiental”. De acordo com os anais do evento, essa escolha tomou como referência a intenção de refletir:

(...) sobre a formação do campo de pesquisa em educação ambiental. Como sabemos, tanto a educação ambiental, quanto a pesquisa sobre ela vêm se constituindo nas últimas duas décadas, a partir da emergência do que se convencionou chamar de crise ambiental. A pesquisa em educação ambiental precisa ser compreendida como um campo em formação, em busca de sua identidade, ou seja, do delineamento de suas questões, teorias, fronteiras e zonas de intersecção com áreas próximas, especialmente os campos educacional e ambiental, assim como de sua institucionalização (especialmente nos cursos de pós-graduação) e da formação de profissionais (V EPEA, 2009).

O V EPEA foi realizado em outubro/novembro de 2009 na UFSCar, no campus São Carlos, e contou com duzentos e trinta e oito (238) participantes inscritos, oriundos de quinze (15) diferentes estados. Sua comissão organizadora teve a participação da Prof^ª. Dra. Clarice Sumi Kawasaki (USP), da Prof^ª. Dra. Dalva Maria B. Bonotto (UNESP), da Prof^ª. Dra. Haydée Torres de Oliveira (UFSCar), da Prof^ª. Dra. Heloísa Sisle Cinquetti (UFSCar), da Dra. Liane Biehl Printes (UFSCar), da Prof^ª. Dra. Rosa Maria F. Cavallari (UNESP), da Prof^ª. Dra. Vânia Gomes Zuin (UFSCar), do MsC. Antonio Vitor Rosa (USP), do Prof. Dr. José Artur Barroso Fernandes (UFSCar), do Prof. Dr. Luiz Carlos Santana (UNESP), do Prof. Dr. Luiz Marcelo de Carvalho (UNESP), do Prof. Dr. Mauricio dos Santos Matos (USP) e do Prof. Dr. Rodolfo Antônio de Figueiredo (UFSCar).

No V EPEA, houveram seis (6) Grupos de Discussão de Pesquisa (GDPs), que estiveram voltados para as seguintes temáticas: “Pesquisa em Educação Ambiental e Movimentos Sociais”; “Pesquisa em Educação Ambiental e o Contexto Escolar”; “Pesquisa em Educação Ambiental e Questões Epistemológicas”; “Pesquisa em Educação Ambiental e Justiça Ambiental”; “Pesquisa em Educação Ambiental e Formação de Professores”; “Pesquisa em Educação Ambiental e Políticas Públicas”. No total, foram encaminhados ao evento cento e setenta (170) trabalhos, sendo noventa (90) aceitos para apresentação.⁸

Reafirmando mais uma vez a importância do significativo pesquisa, o VI EPEA foi realizado na USP, no campus Ribeirão Preto, em setembro de 2011, trazendo como temática central a “Pesquisa em Educação Ambiental e a Pós-Graduação no Brasil”. Segundo os anais do evento, essa escolha:

(...) foi concebida visando aprofundar as discussões sobre a pesquisa em educação ambiental (EA) sob o foco específico dos programas de pós-graduação no Brasil, assumindo a responsabilidade de dar continuidade às discussões sobre a pesquisa em

⁸ http://www.epea.tmp.br/epea2009_anais/welcome/

EA realizadas nas cinco edições anteriores do EPEA, no período de 2001 a 2009 (VI EPEA, 2011).

O sexto evento contou com cento e cinquenta e dois (152) participantes inscritos, oriundos da maioria das regiões do país. A sua comissão organizadora conta com a Prof^ª. A Dra. Clarice Sumi Kawasaki (USP), a Prof^ª. Dra. Dalva Maria B. Bonotto (UNESP), a Prof^ª. Dra. Haydée Torres de Oliveira (UFSCar), a Prof^ª. Dra. Maria Bernadete Sarti da Silva Carvalho (UNESP), a Prof^ª. Dra. Rosa Maria F. Cavalari (UNESP), a Prof^ª. Dra. Vânia Gomes Zuin (UFSCar), o Prof. Dr. Amadeu José Montagnini Logarezzi (UFSCar), o Prof. Dr. José Artur Barroso Fernandes (UFSCar), o Prof. Dr. Luiz Carlos Santana (UNESP), o Prof. Dr. Luiz Marcelo de Carvalho (UNESP), o Prof. Dr. Mauricio dos Santos Matos (USP), o Prof. Dr. Rodolfo Antônio de Figueiredo (UFSCar), a Dra. Liane Biehl Printes (UFSCar) e o Dr. Antonio Vitor Rosa (USP).

No VI EPEA, foram organizados sete (7) Grupos de Discussão de Pesquisa (GDPs). Cinco (5) deles repetiram as temáticas já existentes no evento – “Pesquisa em Educação Ambiental e Movimentos Sociais”; “Pesquisa em Educação Ambiental e o Contexto Escolar”; “Pesquisa em Educação Ambiental e Questões Epistemológicas”; “Pesquisa em Educação Ambiental e Formação de Professores”; “Pesquisa em Educação Ambiental e Políticas Públicas” –, sendo acrescidos de duas (2) outras temáticas: “Pesquisa em Educação Ambiental e Contextos Não Escolares”; “Pesquisa em Educação Ambiental e Questões Metodológicas”. No total, foram encaminhados ao evento cento e oitenta e cinco (185) trabalhos, sendo oitenta e oito (88) aceitos para apresentação.⁹

O VII EPEA teve como tema central “Problematizando a Temática Ambiental na Sociedade Contemporânea” e foi realizado em julho de 2013 na UNESP, campus Rio Claro. Na ocasião, contou com trezentos e dois (302) inscritos, vindos de vinte e um (21) estados brasileiros e de dois (2) países da América Latina: Argentina e México. Sua comissão organizadora contou com a Prof^ª. Dr^ª. Clarice Sumi Kawasaki (USP), a Prof^ª. Dr^ª. Dalva Maria Bianchini Bonotto (UNESP), a Prof^ª. Dr^ª. Haydée Torres de Oliveira (UFSCar), a Prof^ª. Dr^ª. Maria Bernadete Sarti da Silva Carvalho (UNESP), a Prof^ª. Dr^ª. Maria de Lourdes Spazziani (UNESP), a Prof^ª. Dr^ª. Marília Freitas de Campos Tozoni-Reis (UNESP), a Prof^ª. Dr^ª. Rosa Maria Feiteiro Cavalari (UNESP), a Prof^ª. Dr^ª. Vânia Gomes Zuin (UFSCar), o Prof. Dr. Amadeu José Montagnini Logarezzi (UFSCar), o Prof. Dr. José Artur Barroso Fernandes (UFSCar), o Prof. Dr. Luiz Carlos Santana (UNESP), o Prof. Dr. Luiz Marcelo de Carvalho

⁹ http://www.epea.tmp.br/viepea/epea2011_anais/index.html

(UNESP), o Prof. Dr. Maurício dos Santos Matos (USP), o Dr. Antonio Vitor Rosa (USP) e a Dr^a. Liane Biehl Printes (UFSCar).

Deste evento participaram pesquisadores de diferentes estados brasileiros e educadores ambientais de outros países latino americanos, como Argentina e México. Nele, se mantiveram os mesmos sete (7) Grupos de Discussão de Pesquisa (GDPs) da edição anterior – “Pesquisa em Educação Ambiental e Movimentos Sociais”; “Pesquisa em Educação Ambiental e o Contexto Escolar”; “Pesquisa em Educação Ambiental e Contextos Não Escolares”; “Pesquisa em Educação Ambiental e Questões Epistemológicas”; “Pesquisa em Educação Ambiental e Formação de Professores”; “Pesquisa em Educação Ambiental e Políticas Públicas”; “Pesquisa em Educação Ambiental e Questões Metodológicas” –, com o acréscimo de um oitavo, assim nomeado: “Pesquisa em Educação Ambiental e Culturas”. No total, foram recebidos cento e setenta e seis (176) trabalhos, sendo cento e seis (106) deles aprovados para a apresentação no evento.¹⁰

O VIII EPEA, realizado com a temática “A avaliação da década da Educação para o Desenvolvimento Sustentável e perspectivas futuras”, foi a primeira edição do evento realizada fora do eixo das universidades paulistas que o criaram. Ele foi realizado em 2015 no Rio de Janeiro, tendo sido organizado por grupos de pesquisa de instituições de ensino superior do Rio de Janeiro: a Universidade do Rio de Janeiro (UNIRIO), a Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e a Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ). Sua comissão organizadora contou com o Prof. Dr. Celso Sánchez Pereira (UNIRIO), o Prof. Dr. Mauro Guimarães (UFRRJ), o Prof. Dr. Carlos Frederico Bernardo Loureiro (UFRJ) e o Prof. Dr. José Artur Barroso Fernandes (UFSCar).

Nesta edição do EPEA, se mantiveram os oito (8) Grupos de Discussão de Pesquisa (GDPs) do evento anterior – “Pesquisa em Educação Ambiental e o Contexto Escolar”; “Pesquisa em Educação Ambiental e Contextos Não Escolares”; “Pesquisa em Educação Ambiental e Questões Epistemológicas”; “Pesquisa em Educação Ambiental e Formação de Professores”; “Pesquisa em Educação Ambiental e Políticas Públicas”; “Pesquisa em Educação Ambiental e Questões Metodológicas”; “Pesquisa em Educação Ambiental e Culturas” –, com algumas variações nos nomes e a reintrodução da noção de justiça ambiental na temática “Pesquisa em Educação Ambiental, Movimentos Sociais e Justiça Ambiental”. No total, foram

¹⁰ http://www.epea.tmp.br/epea2013_anais/welcome/

recebidos cento e sessenta e sete (167) trabalhos, sendo cento e dezessete (117) deles aprovados para a apresentação no evento.¹¹

O IX EPEA, tendo como temática “Democracia, políticas públicas e práticas educativas”, aconteceu em agosto de 2017 na Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), com a submissão de cento e setenta (170) trabalhos, sendo aceitos cento e vinte e oito (128) deles. Sua comissão contou com a Prof^a. Dra. Angélica Cosenza Rodrigues (UFJF), o Prof. Dr. Vicente Paulo dos Santos Pinto (UFJF), o Prof. Dr. Mauro Guimarães (UFRRJ), o Prof. Dr. Celso Sánchez (UNIRIO) e a Profa. Dra. Laisa Maria Freire dos Santos (UFRJ). Foram encaminhados ao evento 170 trabalhos, sendo 128 aceitos para apresentação.¹² Fortalecendo a ampliação dos debates para além das instituições de ensino superior paulistas,

O acontecimento deste evento em Juiz de Fora, no estado de Minas Gerais, confirma essa territorialidade. Capitaneado pelo GEA - Grupo de Pesquisa em Educação Ambiental da Universidade Federal de Juiz de Fora, em parceria com os grupos de pesquisa de IES do Rio de Janeiro (Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro – UFRRJ, Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ e Universidade do Rio de Janeiro - UNIRIO), o Encontro favorece a produção e o surgimento de novos núcleos de pesquisa acadêmica em nosso estado, gerando uma expertise local, favorável ao fortalecimento de grupos de pesquisa e à promoção da sustentabilidade socioambiental.” (IX EPEA, 2017)

Nesta edição do EPEA, se mantiveram os oito (8) Grupos de Discussão de Pesquisa (GDPs) do VII evento, a saber: “Pesquisa em Educação Ambiental e o Contexto Escolar”; “Pesquisa em Educação Ambiental e Contextos Não Escolares”; “Pesquisa em Educação Ambiental e Questões Epistemológicas”; “Pesquisa em Educação Ambiental e Formação de Professores”; “Pesquisa em Educação Ambiental e Políticas Públicas”; “Pesquisa em Educação Ambiental e Questões Metodológicas”; “Pesquisa em Educação Ambiental e Culturas”; “Pesquisa em Educação Ambiental e Movimentos Sociais”.

O X EPEA, por fim, amplia ainda mais os debates para além da região sudeste ao ser realizado em São Cristóvão, no campus da Universidade Federal de Sergipe, no ano de 2019, com o apoio do Programa de Pós-Graduação em Educação e do Grupo de Estudos e Pesquisa em Educação Ambiental de Sergipe (GEPEASE). Como a temática era Educação Ambiental relacionada à Educação, o seu foco foi a relação da Educação Ambiental com o atual cenário político, social e cultural brasileiro, considerando as questões contemporâneas que atravessam tais relações e discutindo sobre o papel do EPEA nos avanços das pesquisas em EA nos últimos 20 anos. O evento foi organizado pela rede de grupos de pesquisa de apoio, planejamento e realização dos Epea (Rede EPEA), e a comissão organizadora contou com Antônio Gomes da

¹¹ http://epea.tmp.br/epea2015_anais/welcome/

¹² http://epea.tmp.br/epea2017_anais/welcome/

Silva Neto, Claudionete Cândia Araújo, Débora Moreira de Oliveira Moura, Glebson Moura, Hevely Catharine dos Anjos Santos, Isabelle Aparecida Dellela Blengini, Juliana Oliveira Barreto Silva Araújo,, Kelly Francielly Barbosa da Cruz, Lisiane Gomes de Carvalho Cunha, Luanne Michella Bispo Nascimento, Lucas de Oliveira Souza, Maria Ivanilde Meneses de Oliveira, Mariana Reis Fonseca, Mônica de Andrade Modesto, Nívea Daniela Santos Moura, Paula de Matos Lima, Raul Soares Bomfim, Sindiany Santos Caduda, Tatiana Ferreira dos Santos, Victor Santos Carvalho e Vitória Karolina Costa Freitas. Ele reuniu cento e cinquenta (150) trabalhos submetidos, dentre os quais cento e dezoito (118) foram aprovados e, destes, cento e um (101) foram apresentados durante o evento.¹³

II. 2 Aprofundando a análise das produções do EPEA (2001-2019)

Como vimos, o sítio eletrônico do EPEA reúne os anais de todos os encontros, desde o primeiro, que aconteceu em 2001, até o último, que aconteceu em 2019, além de contar um pouco sobre a história da criação do evento e mostrar duas tabelas: uma que mostra as instituições, temas, número de participantes, números de trabalhos encaminhados para cada edição do EPEA; outra que mostra o número de trabalhos submetidos e aceitos pela comissão científica nas diferentes edições do mesmo (com a ressalva de que em algumas edições houveram trabalhos aceitos, mas não necessariamente apresentados). Toda essa organização me permitiu organizar um arquivo de pesquisa bastante interessante e completo mesmo em tempos de Pandemia da Covid-19, uma vez que essa monografia se desenvolveu exatamente no período de ocorrência da mesma no mundo.

No acesso a cada um dos anais, o que mais se destacou foi o cabeçalho do evento e a barra que direcionava para aspectos como apresentação, comissões, listar trabalhos e busca. Em todo o processo, pude observar que a forma de pesquisa não era unânime em todas as edições do evento, uma vez que, com o passar do tempo, foram sendo introduzidas modificações ou acréscimos. Assim, por exemplo, para acessar os trabalhos do I EPEA, foi necessário acessar a barra de “Busca” que, em seguida, me redirecionou para outro ambiente. Nesse outro ambiente, havia o “Filtrar por”, por meio do qual se poderia optar por categorias como código, título, autor principal e demais autores. Em direção semelhante, para pesquisar os trabalhos nas II, III, IV e V edições do EPEA, foi necessário acessar o “Busca” na barra principal dos sítios eletrônicos. Ao clicar em “Busca”, o site me direcionou para essa área e, logo em seguida, para o “Filtrar por”. Em sua maioria, os sítios dos eventos dão três opções de filtro: código, título e autor.

¹³ http://epea.tmp.br/epea2019_anais/welcome/

No VI EPEA, no entanto, o sítio eletrônico se modificou, com a inclusão de uma coluna do lado esquerdo com uma lista de pesquisa sobre o evento, apresentada nessa ordem: Sobre o VI EPEA; Grup. Disc. Pesquisa (GDP); Trabalhos aprovados; Mapa e Localização; O campus e a cidade; Contato. Para pesquisar os trabalhos, foi necessário acessar o item “trabalhos aprovados” e, em seguida, na lista composta pelas seguintes categorias: busca de trabalhos; índice de trabalhos; horários/sala da apresentação; sobre apresentação; relação com os GDPs. Ao clicar em “busca de trabalhos”, o sítio eletrônico redireciona para outra área, na qual é necessário preencher o campo de busca que aparece: GDP (todos, pesquisa em EA e contexto escolar, Pesquisa em EA e contexto não escolar, Pesquisa em EA e movimentos sociais, Pesquisa em EA e FP/educadores, Pesquisa em EA e políticas públicas, Pesquisa em EA e questões epistemológicas e Pesquisa em EA e questões metodológicas, respectivamente), Pelo (título, código e autor) e Busca. Neste caso, optamos pesquisar desta forma por GDP: todos, pelo título e Busca Formação de professores e Pedagogia (buscamos separadamente).

Nas VII, VIII, IX e X edições do EPEA, os métodos de pesquisa são idênticos às formas de pesquisa dos II, III, IV e V encontros, mudando somente os filtros de “Busca”. No VII EPEA, os filtros são autor, título, palavras-chave e palavras-resumo; no VIII EPEA, os filtros são código, título, autor principal, demais autores, eixo e palavras-resumo; no IX EPEA, os filtros são título, autor, eixo e palavras-resumo; por fim, no X EPEA, os filtros são título, autor e eixo.

Tomando como referência os sistemas de busca em cada uma das edições do evento e com vistas a obter os textos relacionados ao tema e assunto que me interessava na montagem desse arquivo de pesquisa, optei por agir da seguinte forma: filtrar por título e na busca procurar por ‘formação de professores’ e ‘pedagogia’, separadamente. Com isso, consegui encontrar um total de quarenta e cinco (45) produções textuais. Após a leitura dos títulos e resumos das produções encontradas, optei pela exclusão de um (1) texto, uma vez que o mesmo relata resultados de uma pesquisa ocorrida com alunos de Licenciatura em duas (2) universidades da Colômbia¹⁴, e o meu interesse aqui se restringiu aos estudos realizados em âmbito nacional. Logo, após todo esse movimento, o meu arquivo de pesquisa ficou constituído por quarenta e quatro (44) textos, distribuídos pelas dez (10) edições do EPEA realizadas entre 2001 e 2019 conforme a Tabela 1.

¹⁴ SIERRA, Diana F. M., PÉREZ, Leonardo F. M., TALAMONI, Jandira L. B. Educação Ambiental em alguns cursos de licenciatura: Subsídios para pensar a formação de professores. In: **Atas do V EPEA: Encontro “Pesquisa em Educação Ambiental”**. Configuração do Campo de Pesquisa em Educação Ambiental. 2009. Disponível em > <http://epea.tmp.br/index2.html> < Acesso em: 2020.

Tabela 1 – Levantamento dos textos veiculados nas edições do EPEA (2001-2019)

EVENTO	TOTAL DE TRABALHOS PUBLICADOS NOS ANAIS	BUSCA POR FORMAÇÃO DE PROFESSORES	BUSCA POR PEDAGOGIA	TEXTOS UTILIZADOS
I (2001)	076	4	1	5
II (2003)	072	1	3	4
III (2005)	073	4	2	6
IV (2007)	087	0	0	0
V (2009)	090	1	2	3
VI (2011)	088	3	2	5
VII (2013)	106	4	2	6
VIII (2015)	117	4	0	4
IX (2017)	128	3	3	6
X (2019)	118	4	1	5

CAPÍTULO III

Relações entre a Educação Ambiental e a Pedagogia: investigando sentidos nas produções acadêmicas

A temática ambiental tem sido bastante discutida na sociedade atual, promovendo efeitos em variadas escalas – do local ao global – a partir de reflexões advindas das atividades de intervenção e transformação dos seres humanos em relação ao meio em que vivemos. No que se refere, especificamente, à Educação Ambiental como temática de pesquisa, a construção do meu arquivo a partir de produções veiculadas nas dez (10) edições do EPEA, conforme explicitado no capítulo anterior, evidencia o vigor desse debate no âmbito educacional. Todo esse vigor vai ser aqui explorado por meio da análise dos quarenta e quatro (44) textos encontrados, com vistas a responder à seguinte questão, já apresentada na introdução desse trabalho: *Que sentidos essa produção acadêmica produz e veicula sobre a formação de professores e, em particular, sobre a formação em Pedagogia?*

III. 1 Investigando sentidos no arquivo de pesquisa

Minha análise deu início com a leitura dos quarenta e quatro (44) textos, que foram então divididos nas seguintes categorias: ‘pesquisa em escola’; ‘pesquisa no curso de Pedagogia’; ‘pesquisa com professor (universidade e/ou escola)’; ‘pesquisa sobre currículo’; ‘pesquisa feita em/a partir de fóruns/ eventos/propostas’; ‘pesquisa teórica’; ‘Pesquisa sobre formação continuada’; ‘Pesquisa envolvendo a vivência do autor’. Essa divisão encontra-se sistematizada na Tabela 2.

Nesse primeiro movimento de análise, as pesquisas em escolas (BIZERRIL & FARIA, 2003; RODRIGUES & ECHEVERRÍA, 2005; GENOVEZ & DO VALE, 2005; DINARDI & SAMPAIO, 2005; MOREIRA NETO & SANTOS, 2009; SILVA *et al.*, 2011; DINIZ, 2013; FIGUEIREDO & REIS-TOZONI, 2015; SOBRINHO & ZANON, 2015) e que aconteceram no curso de Pedagogia (FALÓTICO & PERALTA, 2001; DA COSTA & FREITAS, 2003; BARRETO, GUIMARÃES & SILVA, 2003; FENSTERSEIFER, LEVY & GALIAZZI, 2003; BARRETO, 2009; OLIVEIRA & CARVALHO, 2011; VIVEIRO & RUY, 2013; ROSA & ZANON, 2013; PINTO, SPAZZIANI & TALAMONI, 2015; DE JESUS & BISSARO, 2017) foram bastante frequentes, com nove (9) e dez (10) textos. As Pesquisas que aconteceram com professores foram igualmente frequentes. Nelas, encontramos onze (11) produções, sendo que

duas (2) delas foram pesquisas com professores universitários (ARAÚJO & BIZZO, 2005; VIVEIRO & CAMPOS, 2009) e as outras nove (9) com professores de escolas da educação básica (GUERRA, ROCHA & LIMA, 2001; DE QUEIROZ & PERNAMBUCO, 2001; TRISTÃO, 2001; RODRIGUES & ECHEVERRÍA, 2005; ZAKRZEWSKI, DEFFACI & LOSEKANN, 2005; MOREIRA NETO & SANTOS, 2009; KATO, CARVALHO & KAWASAKI, 2011; SILVA *et al.*, 2011; SOBRINHO & ZANON, 2015).

Tabela 2 – Assuntos/temas dos textos apresentados nas edições do EPEA (2001-2019).

Observe que o total de textos ultrapassa os quarenta e quatro analisados, mas isto se deveu ao fato de que alguns textos se enquadraram em mais de um assunto/tema.

Assunto/tema	Pesquisa em escola	Pesquisa no curso de Pedagogia	Pesquisa com professor (universidade e/ou escola)	Pesquisa sobre currículo	Pesquisa feita em/a partir de fóruns/ eventos /propostas/periódicos	Pesquisa teórica	Pesquisa sobre formação continuada	Pesquisa envolvendo a vivência do autor
2001	0	1	3	0	0	0	1	1
2003	1	2	0	2	0	0	0	0
2005	3	0	3	0	1	0	0	0
2007	0	0	0	0	0	0	0	0
2009	1	1	2	0	0	0	0	0
2011	1	1	2	2	1	0	1	1
2013	1	2	0	1	1	2	0	0
2015	2	1	1	2	0	1	0	0
2017	0	1	0	0	3	0	0	0
2019	0	0	0	0	3	2	0	0
TOTAL	9	9	11	7	9	5	2	2

As pesquisas em escolas, com os professores e nos cursos de Pedagogia são

consideradas ‘essenciais’ para refletirmos sobre os futuros e atuais educadores, assim como nos mostram Maria Helena Bueno Falótico & Inêz Garbuio Peralta (2001, p. 2):

Nesse contexto, há necessidade de proporcionar aos atuais e futuros educadores, subsídios didático-pedagógicos voltados para a construção do discurso científico, oportunizando a detecção e reflexão sobre os problemas ambientais próximos das escolas e do município e nesse sentido pensamos num novo professor, como afirma Gadotti (2000) um mediador do conhecimento, sensível e crítico, aprendiz permanente e organizador do trabalho na escola, um orientador, um cooperador, curioso e sobretudo, um construtor de sentido.

Paula Cristina Moreira Neto & Wildson Luiz Pereira dos Santos (2009) vêem a escola como um espaço importantíssimo para a formação do cidadão. Neste espaço, deve-se buscar o desenvolvimento de uma aprendizagem que tenha significado, voltada para a realidade dos estudantes e que possa auxiliar na transformação de atitudes que irão implicar em uma vida melhor no espaço em que se vive. Para isso, “é necessário avaliar o que acontece nas escolas para que sejam realizadas estratégias que contribuam para uma educação ambiental de qualidade e repensados os motivos que fazem de projetos de educação ambiental às vezes descontínuos” (MOREIRA NETO & SANTOS, 2009, p. 15).

Para todos esses autores e autoras, portanto, é fundamental pensarmos o papel do professor dentro de sala de aula, principalmente em relação à Educação Ambiental, pois é uma área que precisa de atenção. Em uma das produções, por exemplo, é enunciada a necessidade de que os estudantes de Pedagogia tenham a oportunidade de participar de alguma atividade ou disciplina com a seguinte característica:

(...) que promova “a sensibilização das alunas do curso de pedagogia para questões ambientais, ampliando suas capacidades perceptivas, intelectuais e valorativas sobre o meio ambiente, mobilizando-as para ações críticas na Universidade e nas futuras escolas onde forem trabalhar” (BARRETO, 2009, p. 2, *grifos do autor*¹⁵).

De acordo com esse autor, é imprescindível defender a “pertinência das chamadas “questões ambientais” em um curso de formação de professores, tendo em vista a gravidade e a profundidade da crise civilizatória que vivemos nesta virada de milênio (BARRETO, 2009). Em direção semelhante, Osleane Patrícia Sobrinho & Ângela Maria Zanon (2015, p. 12) afirmam que:

Os estudos relativos à Educação Ambiental no planejamento curricular e na gestão de ensino devem estimular uma visão integrada, multidimensional da área ambiental, levando em consideração os aspectos da diversidade biogeográfica, as questões políticas, sociais, econômicas dentre outras, contemplando um pensamento crítico, com o reconhecimento dos múltiplos saberes e olhares, tanto científicos como populares acerca do meio ambiente, propiciando-se vivências que levem ao

¹⁵ Segundo o autor, o trecho grifado foi extraído do texto *Meio Ambiente e Educação: uma relação em construção no curso de Pedagogia da UFF*, uma comunicação apresentada na 53ª Reunião Anual da SBPC, realizada em Salvador em 2001.

entendimento sobre a importância das relações dos seres vivos com o habitat, com a reflexão sobre as desigualdades econômicas e os impactos ambientais.

Para Daniele Cristina de Souza (2011), as discussões que mais foram trazidas à tona durante a análise das dissertações e teses que buscavam “aspectos importantes para o desenvolvimento profissional” foram “a reflexão, a autonomia, o diálogo, a valorização pela diversidade, a participação coletiva, a busca pela relação dialética entre teoria-prática, a interdisciplinaridade, a aproximação entre a comunidade escolar e a academia”. A autora usa a frase “devemos pesquisar com os professores e não somente sobre os professores”, que já faz parte do discurso dos formadores de professores, para reafirmar que a forma de se pesquisar mudou e que como professores-pesquisadores devemos acompanhar essa mudança. Tais processos, no entanto, não são lineares e muito menos harmônicos; diferentemente, Cecília Santos de Oliveira & Marcia Serra Ferreira (2019, p. 111) acreditam que as pesquisas educacionais e, mais especificamente, as pesquisas relacionadas à Educação Ambiental, são constituídas em um ambiente discursivo no qual, em meio às relações de poder, os acadêmicos “autorizam e disputam formas de produção dos conhecimentos e do fazer científico”. Sendo assim, os múltiplos discursos “produzem enunciados que criam regras e padrões que sancionam e/ou interditam diferentes sentidos para as temáticas” (OLIVEIRA & FERREIRA, 2019, p. 111).

As categorias que incluem os textos que investigam os currículos (FREITAS & COSTA, 2003; BARRETO, GUIMARÃES & SILVA, 2003; KATO, CARVALHO & KAWASAKI, 2011; OLIVEIRA & CARVALHO, 2011; TOZONI-REIS *et al.*, 2013; PINTO, SPAZZIANI & TALAMONI, 2015; AGUDO, MAIA & TEIXEIRA, 2015) e os que são feitos a partir de fóruns/dissertações/eventos/propostas/periódicos (MENDES & VAZ, 2005; SOUZA, 2011; RINK & MEGID NETO, 2013; MUNHOZ & SANTOS, 2017; UCHÔA, CASTRO & SÀNCHEZ, 2017; OLIVEIRA & FERREIRA, 2019; VASCONCELOS & VARGAS, 2019; COSTA, FARIAS & ANDRADE, 2019) foram agrupadas com sete (7) e oito (8) produções, respectivamente. Quanto aos agrupamentos de textos que versam sobre pesquisas teóricas (TEIXEIRA & TOZONI-REIS, 2013; TOZONI-REIS *et al.*, 2013; AGUDO, MAIA & TEIXEIRA, 2015; PENELUC & MORADILLO, 2019; DOS SANTOS & ROCHA, 2019) e os que tratam da formação continuada (LEME & TRIVELLATO, 2001; KATO, CARVALHO & KAWASAKI, 2011), eles possuem cinco (5) e duas (2) produções, respectivamente.

Denise de Freitas e Gislane G. da Costa (2003) acreditam que um novo conhecimento é necessário para que os indivíduos tenham “a complexidade em sua visão de mundo”. Para as autoras, torna-se fundamental, então, uma mudança de paradigma que ajude tais indivíduos a

se posicionarem em um mundo onde as informações possuam um contexto. Para que isso aconteça, esse paradigma deverá englobar uma visão ambiental. Usando Morin (2001)¹⁶, as autoras enfatizam:

a relação entre o todo e as partes, sendo que o todo, o global possui propriedades que não são encontradas nas partes, se estas estiverem isoladas; é necessário reconhecer as múltiplas dimensões das unidades complexas e não isolá-las umas das outras; a complexidade promove a união entre a unidade e a multiplicidade, ou seja, entre o objeto de conhecimento e seu contexto, as partes e o todo, o todo e as partes, as partes entre si.

Em direção semelhante, Danilo Seithi Kato, Natália V. Carvalho & Clarice Sumi Kawasaki (2011) defendem a contextualização do ensino como um elemento importante na *organização curricular*. Entretanto, por ser um termo de caráter polissêmico pedagogicamente (KATO & KAWASAKI, 2007 *apud* KATO, CARVALHO & KAWASAKI, 2011, p. 2), as interpretações e práticas relacionadas à essa “diretriz são hipoteticamente variadas”. O autor e as autoras afirmam a existência de uma grande preocupação com a contextualização de ensino não só nos ensinamentos atuais da Educação Ambiental, mas também nos documentos curriculares oficiais de caráter escolar. Sendo assim, mesmo existindo várias “concepções de contextualização”, todas seguem um mesmo caminho, no qual a busca da aprendizagem tem significado a partir do instante em que se relaciona com conteúdos específicos do cotidiano, aproximando o ensino à realidade do estudante. Para os autores, é esse ensino contextualizado que promove uma aprendizagem mais significativa ao estudante (KATO, CARVALHO & KAWASAKI, 2011).

Marília Tozoni-Reis e colaboradores (2013) enfatizam o *esvaziamento da dimensão educativa* na pesquisa em Educação Ambiental. Esse *esvaziamento* é ainda mais alarmante se levarmos em conta o crescimento massivo das empresas – públicas e privadas – como benfeitores de projetos ambientais escolares, que, de acordo com os autores, “tendem a desconsiderar as contribuições históricas e epistemológicas no âmbito da pesquisa em educação e em educação ambiental” (TOZONI-REIS *et al.*, 2013, p. 3). Desse modo, autoras e autores defendem ser importante que a inserção da Educação Ambiental nas escolas aconteça pela via curricular, compreendendo-a como uma atividade essencial no cotidiano escolar.

Analisando o documento da UNESCO intitulado ‘DEDS – Década da Educação para o Desenvolvimento Sustentável’, Rafaella Uchôa, Leonardo de Castro & Celso Sánchez (2017, p. 2) procuram identificar como suas “concepções de sustentabilidade e as perspectivas

¹⁶ MORIN, E. Os princípios do conhecimento pertinente. In: **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. São Paulo: Cortez: 2001 (p. 35-46).

pedagógicas (...) se distanciam de uma Educação Ambiental libertária e emancipatória, pensada a partir de Paulo Freire”. Nesse contexto, autora e autores buscam apresentar uma alternativa para o cenário da Educação Ambiental Crítica, observando caminhos possíveis de rompimento com uma educação *colonizadora e consensual*. Eles acreditam que, no diálogo com Paulo Freire, “é possível buscar caminhos de pedagogizar a crise ambiental que se constitui em condições de opressão e que demanda uma educação construída nos princípios da autonomia e da libertação destas condições opressoras” (UCHÔA, CASTRO & SÂNCHEZ, 2017, p. 9).

Regina Mendes & Arnaldo Vaz (2005, p. 3) afirmam que, ao se levar em conta que a formação de professores é uma tarefa permanente e que se relaciona com a melhora na qualidade do processo de ensino-aprendizagem, poderemos entender a formação de professores em Educação Ambiental “como parte dessa necessidade geral, na qual as reflexões sobre a dimensão ambiental estão interligadas ao processo de construção da qualidade de vida dos seres humanos, em sua relação com o ambiente”. Igualmente abordando essa articulação entre Educação Ambiental e formação de professores, Cristina M. da Costa, Carmen Roselaine Farias & Vladimir Andrade (2019), produzem um estado da arte no qual predominam instituições de caráter público, principalmente na região Sudeste-Sul, com pesquisas voltadas para o processo de formação continuada e inicial de professores, em sua maior concentração nas licenciaturas de Ciências Biológicas e Pedagogia. Em ambos os textos, a reflexão sobre a formação de professores é essencial, tendo em vista a complexidade de trabalhar a intersecção das dimensões ambiental e educacional. Nesse ponto, o docente é uma peça importante no aspecto educacional ambiental. Para esses autores, a Educação Ambiental entrelaçada à formação de professores “representa uma alternativa para a transformação social, trazendo a necessidade de articular a práxis educacional com o contexto socioambiental e a inserção curricular de uma educação crítica” (COSTA, FARIAS & ANDRADE, 2019, p. 3).

Outra temática que entrelaça as produções levantadas se refere às vivências dos autores (LEME & TRIVELLATO, 2001; NEVES & FESTOZO, 2011). Nas vivências de Taciana N. Leme & Silvia Trivellato (2001, p. 2), por exemplo:

A Educação Ambiental apresenta características exclusivas, que a diferencia dos demais campos educativos, segundo Giordan e Souchon (1997) são elas: o conhecimento do meio em que o educando vive; atuação sobre esse meio a fim de contribuir na resolução de problemas ambientais; enfoque pluri/inter/transdisciplinar; desenvolvimento de uma metodologia de análise do meio obedecendo uma relação com o cotidiano do aluno; promoção de análise crítica das situações permitindo o conforto de pontos de vista variados que envolvam juízos de valores.

Também a formação de professores na interface entre Educação Ambiental e Educação à Distância/EAD (ZAKRZEWSKI, DEFFACI & LOSEKANN, 2005; ANDRADE &

TEIXEIRA, 2017) emerge como uma temática em duas (2) produções do arquivo de pesquisa. De acordo com Nóslen Motta de Andrade & Marcos da Cunha Teixeira (2017, p. 1), a EAD tem facilitado o aumento das *fronteiras do conhecimento didático*. Para esses autores, a EAD tem o potencial de alcançar quem antes não conseguia acesso a esses conhecimentos, ou seja, essa plataforma é de extrema relevância para os objetivos da Educação Ambiental. Afinal:

O formato de EAD tem capacidade de promover a interação entre pessoas que estão distantes umas das outras e possibilita a troca de conhecimentos, atingindo um grande número de pessoas. É essa característica da EAD que a torna uma ferramenta potencial para auxiliar a Educação Ambiental (EA).

Outra interface que emerge em uma (1) produção levantada é aquela que articula a Educação Ambiental com a Arte, sendo nomeada por Laís de S. Rédua & Danilo Seithi Kato (2017) de ‘EArte’. Nela, é defendida que a educação trabalhe com assuntos que vão além dos “muros das escolas”, tendo como objetivo a formação de cidadãos reflexivos e críticos, que tenham a capacidade de tomar decisões conscientes e sensatas no âmbito individual e coletivo, podendo dialogar com todas as “esferas do mundo” (RÉDUA & KATO, 2017, p. 2). Para os autores,

A abordagem da biodiversidade no contexto da Educação Ambiental (EA) vem alcançando maior espaço, visto que, se faz presente em todos os âmbitos da vida do indivíduo, na alimentação, na saúde, no vestuário e etc. Desta forma, ao pensar o processo educativo e a relação do ser humano com a natureza não se pode reduzi-la a um conceito estritamente científico a ser ensinado, mas compreender as relações controversas que dimensionam a conservação e preservação dos recursos naturais e a sustentabilidade dos sistemas ecológicos. (RÉDUA & KATO, 2017, p. 2)

A ‘Ecopedagogia’ é também um termo que emerge em outras duas (2) produções do levantamento (MOREIRA NETO & SANTOS, 2009; TRAWITZKI & RINK, 2017). Segundo Moacir Gadotti (2000), citado por Henrique Trawitzki & Juliana Rink (2017, página), “a Ecopedagogia defende a necessidade de se criar novas formas de enxergar a relação entre a sociedade humana e o meio ambiente, sem com isso negar o progresso científico e educativo já conquistados”. Ou seja, para esses autores, a Ecopedagogia não é apenas um movimento pedagógico que implica em uma nova abordagem curricular, mas também um movimento social e político, que ajuda a promover uma transformação nas estruturas econômicas, sociais e culturais (GADOTTI, 2000, citado por TRAWITZKI & RINK, 2017). É nesse sentido que a Ecopedagogia não se contrapõe à Educação Ambiental, já que ambos andam de mão dadas; afinal:

A Ecopedagogia como uma das quatro concepções recorrentes propostas pelo Ministério do Meio Ambiente, nasceu e faz parte da EA. Por outro lado, a EA também faz parte da Ecopedagogia. Assumimos as relações fronteiriças entre ambas, que se esbarram, dialogam e cooperam entre si. (TRAWITZKI & RINK, 2017, p. 2).

Por fim, duas (2) produções focalizam, especificamente, aspectos metodológicos da pesquisa (FENSTERSEIFER, LEVY & GALIAZZI, 2003; VASCONCELOS & VARGAS, 2019). Glaucia L. Vasconcelos & Icléia A. de Vargas (2019, p. 3) afirmam, por exemplo, que “a maioria dos trabalhos aponta para a necessidade de superar a visão tradicional, naturalista e fragmentada, e adotar práticas que revelem uma concepção mais crítica e contextualizada da Educação Ambiental”. De acordo com as autoras, muitos trabalhos focalizam a formação continuada de professores, tendo em vista “a construção de modelos alternativos para o tratamento da Educação Ambiental por meio de abordagens qualitativas de pesquisa” (VASCONCELOS & VARGAS, 2019, p.3). Para elas, por exemplo, as pesquisas que assumem a pesquisa-ação como metodologia, segundo Michel Thiollent (2011), buscam construir a solução para uma determinada problemática “por meio da apropriação de uma teoria que permita pensar a realidade e propor práticas alternativas” (VASCONCELOS & VARGAS, 2019, p.8).

Em um segundo movimento de análise, não podemos deixar de observar a existência de quinze (15) pesquisas que se encaixam em mais de um dos descritores anteriormente mencionados. São elas:

(1) *Semelhanças entre os princípios da Educação Ambiental e a Formação de Professores reflexivos* (LEME & TRIVELLATO, 2001), categorizada em ‘vivências de autores’ e ‘formação continuada’;

(2) *Educação Ambiental e representação social: saberes e imagem da prática acadêmica do curso de Pedagogia* (BARRETO, GUIMARÃES & SILVA, 2003), categorizada em ‘pesquisa no curso de Pedagogia’ e ‘currículo’;

(3) *Olhares em situações de Educação Ambiental: um estudo de caso no curso de Pedagogia da FURG* (FENSTERSEIFER, LEVY & GALIAZZI, 2003), categorizada em ‘pesquisa em curso de Pedagogia’ e ‘análise de metodologia de pesquisa’;

(4) *Educação Ambiental em escolas particulares de Goiânia: do diagnóstico a proposições em formação de professores* (RODRIGUES & ECHEVERRÍA, 2005), categorizada em ‘pesquisa em escola’ e ‘pesquisa com professores (universidade/escola)’;

(5) *O Estar junto virtual como possibilidade para a formação de professores em educação ambiental* (ZAKRZEVSKI, DEFFACI & LOSEKANN, 2005), categorizada em ‘pesquisa com professores (universidade/escola)’ e ‘pesquisa em EA-EAD’;

(6) *Projeto de Educação Ambiental em escolas do ensino fundamental: atividades esporádicas ou integradas em uma perspectiva da Ecopedagogia* (MOREIRA NETO & SANTOS, 2009), categorizada em ‘pesquisa em escola’, ‘pesquisa com professores

(universidade/escola)’ e ‘pesquisa em Ecopedagogia’;

(7) *A Contextualização na Educação Ambiental: Análise de um curso de Formação de Professores da Educação básica intitulada “Meio Ambiente e você Professor – uma rede de saberes* (KATO, CARVALHO & KAWASAKI, 2011), categorizada em ‘pesquisa com professores (universidade/escola)’, ‘pesquisa em currículo’ e ‘formação continuada’;

(8) *As três dimensões de Educação Ambiental – Política, valorativa e dos conhecimentos – nos projetos políticos – pedagógicos de cursos de Pedagogia de Universidade Federais Brasileiras* (OLIVEIRA & CARVALHO, 2011), categorizada em ‘pesquisa em curso de Pedagogia’ e ‘currículo’;

(9) *Educação Ambiental no contexto das mudanças globais: percepção de alunos e professores e possibilidades a partir de um jogo* (SILVA *et al.*, 2011), categorizada em ‘pesquisa em escolas’ e ‘pesquisa com professores (universidade/escola)’;

(10) *Conteúdos curriculares da educação ambiental na escola: contribuições da pedagogia histórico-crítica* (TOZONI-REIS *et al.*, 2013), categorizada em ‘currículo’ e ‘pesquisa teórica’;

(11) *Processo formativo docente em Educação Ambiental: reflexões sobre a prática pedagógica e o desenvolvimento de materiais didáticos* (SOBRINHO & ZANON, 2015), categorizada em ‘pesquisa em escola’ e ‘pesquisa com professores (universidade/escola)’;

(12) *A formação de professores de pedagogia como educadores ambientais críticos: primeiras aproximações* (PINTO, SPAZZIANI & TALAMONI, 2015), categorizada em ‘pesquisa em curso de Pedagogia’ e ‘currículo’;

(13) *A formação do professor educador ambiental crítico: o papel dos conteúdos em seu processo formativo* (AGUDO, MAIA & TEIXEIRA, 2015), categorizada em ‘currículo’ e ‘pesquisa teórica’;

(14) *Educação ambiental e educação aberta e à distância na formação de professores: reflexões iniciais* (ANDRADE & TEIXEIRA, 2017), categorizada em ‘pesquisa feita em/a partir de fóruns/eventos/propostas/periódicos/dissertações’ e ‘pesquisa em EA-EAD’;

(15) *Concepções de Metodologia de Pesquisa em Educação Ambiental e Formação de Professores* (VASCONCELOS & VARGAS, 2019), categorizada em ‘pesquisa feita em/a partir de fóruns/eventos/propostas/periódicos/dissertações’ e ‘análise de metodologia de pesquisa’.

Nesse outro rearranjo das produções levantadas, destaco outras possíveis articulações entre EA e Pedagogia, com vistas a aprofundar a análise de como essa ‘jovem’ área do conhecimento vem elaborando sentidos para essa formação. Em Andréa Cristina Barreto, Diva

Anélie Guimarães & Marilena L. da Silva (2003), por exemplo, os discentes do curso de Pedagogia são percebidos como possuindo “representações sociais” a respeito da EA que valorizam a importância da perspectiva educacional ligada à preservação da natureza. Segundo esses autores, uma reestruturação curricular do curso de Pedagogia poderia indicar avanços na construção de uma política curricular mais adequada às necessidades de diversidade regional. Eles afirmam que a formação de professores do curso de Pedagogia analisado ainda possui um caráter tecnicista, “pautado nos meios educacionais em função das necessidades exigidas pelo mercado de trabalho”, ou seja, encontra-se direcionado às demandas do mercado econômico (BARRETO, GUIMARÃES & SILVA, 2003, p. 12). Logo, haveria a ‘necessidade’ de uma reflexão sobre como se adequar às necessidades da sustentabilidade regional, uma vez que:

É preciso compreender quem são os profissionais formados pela Pedagogia que atuarão no ensino fundamental e ensino médio, e que a manutenção de elos viciosos entre as disciplinas deste curso, que em sua absoluta maioria passa ao largo de questões ambientais, e o cotidiano das escolas, que em tese deveria voltar-se à análise dos problemas sócio ambientais em sua multidimensionalidade, pode gerar a impossibilidade de abertura da ação formal escolar às discussões relativas a complexidade da vida local e planetária (BARRETO, GUIMARÃES & SILVA, 2003, p. 13).

Em direção semelhante, Fabiana Melo Rodrigues & Agustina Rosa Echeverría (2005, p. 13-14) afirmam que “a educação dos dias de hoje não consegue apreender a complexidade das relações entre o ser humano e o meio ambiente”, razão pela qual as autoras destacam “a necessidade de se criarem novos paradigmas que contemplem essa rede complexa de relações”. É nesse contexto que há a defesa da necessidade de se criar novas grades curriculares nos cursos de Licenciatura, de maneira “que contemplem os aspectos socioambientais das relações entre ser humano e natureza” (RODRIGUES & ECHEVERRÍA, 2005, p. 14). Afinal, para elas:

Considerando que a universidade é o local onde ocorre a formação dos professores é preciso refletir sobre o tipo de paradigma que essa instituição tem abraçado (LEFF, 2001¹⁷). É essencial que ocorra mudança de paradigmas, primeiramente nas instituições e, conseqüentemente, nos professores que estão formando professores (RODRIGUES & ECHEVERRÍA, 2005, p. 13-14).

Nessa mudança de paradigmas, Sônia Zakrzewski, Ângela Camila Deffaci & Cassineli Carneiro Losekann (2005, p. 2) enfatizam que o desenvolvimento de um pensamento reflexivo e autônomo pode permitir que o professor tenha a capacidade de administrar tanto “os processos coletivo-profissionais de construção conceitual (científicos, filosóficos, artísticos, educativos), como aqueles, que também coletivos, se desenvolvem no âmbito de nossa cotidianidade (políticos, sociais, econômicos, familiares, afetivos)”. Para as autoras, é o diálogo

¹⁷ LEFF, E. **Epistemologia Ambiental**. São Paulo: Cortez, 2001. 240p.

que pode produzir autonomia e consciência nos professores, uma vez que “permite a aproximação de parcelas luminosas do conhecimento, no qual todo o saber é igual por direito (ZAKRZEWSKI, DEFFACI & LOSEKANN, 2005, p. 7).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como vimos, este trabalho teve como objetivo investigar como as relações entre a Educação Ambiental e a Pedagogia têm sido enunciadas na área de Ensino de Ciências e, para realizar essa tarefa, optei por analisar os textos apresentados e publicados nas dez (10) edições do EPEA, ocorridas entre 2001 e 2019. Na análise, observei uma significativa produção acadêmica abordando essas relações. Pude notar a existência de uma preocupação em relação ao meio ambiente na referida formação, problematizando de que forma o pedagogo pode contribuir para melhorar o ambiente dentro e fora de sala de aula. Em pesquisas que focalizaram tanto a formação de professores em cursos de Pedagogia e Biologia quanto as salas de aula da educação básica, principalmente, nas escolas públicas, pude observar uma preocupação com as mudanças em diferentes escalas, das ações educativas cotidianas aos paradigmas que informam as nossas decisões curriculares. Emerge desse conjunto de produções, portanto, um entendimento do quanto as nossas ações formativas geram efeitos na EA que é produzida no interior das salas de aula.

Nesse contexto, é interessante explicitar de onde emergem essas produções. Na montagem do arquivo de pesquisa, pude evidenciar que as regiões cujos pesquisadores mais divulgam suas investigações no EPEA foram a Sudeste (27 trabalhos) e a Centro-Oeste (5 trabalhos). No primeiro caso, São Paulo é o estado com mais pesquisas publicadas (19 trabalhos), seguido do Espírito Santo (3 trabalhos), Minas Gerais (3 trabalhos), e do Rio de Janeiro (2 trabalhos); no segundo caso, o Mato Grosso do Sul, Distrito Federal e o estado de Goiás tiveram mais publicações, com 3 trabalhos, 1 trabalho e 1 trabalho, respectivamente. Quanto à região Sul, que teve 4 trabalhos publicados, estes foram produzidos, majoritariamente, no Rio Grande do Sul (2 trabalhos) e em Santa Catarina (2 trabalhos). Já nas regiões Nordeste e Norte, que tiveram no total 2 trabalhos publicados, Sergipe (1 trabalho) e Pará (1 trabalho) foram os estados mais representativos. Não foi possível identificar a origem do seguinte trabalho: *A Pesquisa sobre Formação de Professores em Educação Ambiental: eixos temáticos nas áreas de Educação e de ensino de Ciências e Matemática (2003-2007)*, de Daniele Cristina de Souza e apresentado em 2011. De todo esse conjunto, evidenciei que as instituições que mais produziram e divulgaram as suas pesquisas no EPEA foram a UNESP e UFSCAR, ambas em São Paulo.

Do ponto de vista das temáticas, entre 2001 e 2005 elas giraram em torno de pesquisas feitas dentro de escolas (públicas ou particulares) ou em universidades públicas, no curso de

Pedagogia, mas com pouca variação nas abordagens. Em 2007, não obtivemos qualquer texto sobre o tema aqui abordado. Nos anos seguintes, isto é, 2009 até 2019, houve uma maior diversidade de abordagens teórico-metodológicas. Dessa forma, pude inferir que a ousadia na construção de outros objetos, por meio de uma diversidade de abordagens, está crescendo entre os pesquisadores da área. Quanto às metodologias, a pesquisa bibliográfica, a pesquisa documental, a pesquisa de campo, a pesquisa-ação e a pesquisa de levantamento foram bastante frequentes. As fontes de estudos foram igualmente diversas, incluindo uma variedade de produções acadêmicas (tais como artigos, projetos, dissertações e teses, conferências nacionais e internacionais, cadernos de fóruns de EA), documentos oficiais nacionais (decretos, resoluções, leis, diretrizes e parâmetros curriculares, cm destaque para aqueles voltados para a EA, como a Política Nacional de Educação Ambiental – PNEA e o Programa Nacional de Educação Ambiental – ProNEA, entre outros) e internacionais (Plano Internacional de Implementação da DEDS da UNESCO) e a própria sala de aula (livros didáticos, por exemplo).

Os resultados e conclusões dos trabalhos analisados indicam as escolas e universidades como espaços formativos importantes para que os pedagogos abordem a EA como parte dos currículos que ensinam. É nesse contexto que novos paradigmas, currículos contextualizados a aproximações com a EAD e com a Arte são percebidos, por exemplo, como possibilidades de trazer a EA para a formação e o trabalho dos pedagogos. É nele também que termos como ‘EArte’ e ‘Ecopedagogia’ emergem como potentes para pensar as relações entre a EA e a Pedagogia, em um movimento que produz a importância e a ‘necessidade’ de abordar a temática nesses cursos. Isso tem conferido prestígio para a EA tanto como temática de pesquisa quanto como um conteúdo curricular no curso de Pedagogia, assumindo que o pedagogo deveria ser primeiro a abordar essa temática, de forma menos específica, na vida acadêmica dos estudantes. Entendendo com Ivor Goodson (1997, p.17) que o currículo “é um artefato social, criado para realizar determinados objetivos humanos específicos”, concordamos com essa produção e autores na defesa de uma abordagem da EA o mais cedo possível na vida escolar, o que significa envolver os pedagogos nessa tarefa de promover reflexões acerca das questões ambientais.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

FERREIRA, M. S. Currículo e cultura: diálogos com as disciplinas escolares Ciências e Biologia. In: Antonio Flavio Moreira; Vera Maria Candau. (Org.). **Currículos, Disciplinas Escolares e Culturas**. Petrópolis: Vozes, 2014, p. 185-213.

FERREIRA, M. S. História do Currículo e das Disciplinas: apontamentos de pesquisa. In: André Márcio Picanço Favacho; José Augusto Pacheco; Shirlei Rezende Sales. (Org.). **Currículo, Conhecimento e Avaliação: divergências e tensões**. 1ed. Curitiba: CRV, 2013, p. 75-88.

FERREIRA, M. S. História do Currículo e das Disciplinas: produzindo uma abordagem discursiva para investigar a formação inicial de professores nas Ciências Biológicas. In: Miriam S. Leite; Carmen Teresa Gabriel. (Org.). **Linguagem, Discurso, Pesquisa e Educação**. Petrópolis/Rio de Janeiro: DePetrus/FAPERJ, 2015, p. 265-284.

FERREIRA, M. S. & MARSICO, J. Historicizar os currículos em tempos recentes: regulações e efeitos no ensino e na formação de professores em Ciências e Biologia. In: Marcia Serra Ferreira; Silvia Nogueira Chaves; Antonio Carlos Rodrigues de Amorim; Maria Luiza de Araújo Gastal; Sandra Nazaré Dias Bastos. (Org.). **Vidas que ensinam o ensino da Vida**. São Paulo: Editora Livraria da Física, 2020, p. 165-179.

FERREIRA, M. S. & SANTOS, A. V. F. Discursos curriculares no/do tempo presente: subsídios para uma articulação entre a História e as Políticas de Currículo. In: Alice Casimiro Lopes; Marcia Betania Oliveira. (Org.). **Políticas de Currículo: pesquisas e articulações discursivas**. Curitiba: CRV, 2017, v. 1, p. 55-78.

GOODSON, I. F. **A construção social do Currículo**. Lisboa: Educa, 1997.

GOODSON, I. F. A forma curricular: notas para uma Teoria do Currículo. In: **Currículo: teoria e história**. 2ª ed. Petrópolis: Editora Vozes, 1998.

GOODSON, I. F. Para além do monólito disciplinar: tradições e subculturas. In: **O Currículo em mudança: estudos na construção social do currículo**. Porto: Porto Editora, 2001.

JAEHN, L. & FERREIRA, M. S. Perspectivas para uma História do Currículo: as contribuições de Ivor Goodson e Thomas Popkewitz. **Currículo sem Fronteiras**, v. 12, p. 256-272, 2012.

LIMA, M. J. G. S.; FERREIRA, M. S. Educação Ambiental na escola: investigando sentidos sobre interdisciplinaridade e disciplinarização nas Políticas de Currículo. In: Reinaldo Luiz Bozelli; Laísa Maria Freire dos Santos; Alexandre Ferreira Lopes; Carlos Frederico B.

Loureiro. (Org.). **Curso de Formação de Educadores Ambientais: a experiência do Projeto Pólen**. Macaé: NUPEM/UFRJ, 2010, p. 227-247.

OLIVEIRA, C. S. **Educação Ambiental na Escola: Diálogos com as disciplinas escolares Ciências e Biologia**. 143 p. (Dissertação de Mestrado). Rio de Janeiro. Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). 2009.

OLIVEIRA, C. S. **Formação de Professores em Ciências Biológicas: significando a Educação Ambiental como inovação curricular**. 317 p. (Tese de Doutorado). Rio de Janeiro. Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). 2019.

POPKEWITZ, T. S. História do Currículo, Regulação Social e Poder. In: **O sujeito da educação: estudos foucaultianos**. (Coleção Ciências Sociais da Educação). Petrópolis: Vozes, 1995, p. 173-201

POPKEWITZ, T. S. Uma Sociologia Política da Reforma Educativa: Poder, Conhecimento e Escola. In: **Reforma Educacional. Uma política sociológica: poder e conhecimento em educação**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997, p.21-52

PINAR, W. Currículo: uma introdução. In: **Estudos Curriculares: ensaios selecionados**. São Paulo: Cortez, 2016, p. 19-45

SANTOS, A. V. F.; FERREIRA, M. S. História da disciplina escolar Educação ambiental em Armação dos Búzios, RJ: entre necessidades e condições de emergência de uma inovação curricular. **Pedagogia Y Saberes**, v. 1, p. 153-165, 2015.

VALLA, D. F.; ROQUETTE, D. A. G.; GOMES, M. M.; FERREIRA, M. S. Disciplina escolar Ciências: inovações curriculares nos anos de 1950-1970. **Ciência & Educação**, v. 20, p. 377-391, 2014.

FONTES DE ESTUDO

AGUDO, Marcela de M.; MAIA, Jorge S. da S.; TEIXEIRA, Lucas André. A formação do professor educador ambiental crítico: o papel dos conteúdos em seu processo formativo. In: **Atas do VIII EPEA**. 2015.

ANDRADE, N. M.; TEIXEIRA, M.C. Educação ambiental e educação aberta e à distância na formação de professores: reflexões iniciais. In: **Atas do IX EPEA**. 2017.

ARAÚJO, Maria Inêz O.; BIZZO, Nélío. O processo de identificação de práticas pedagógicas viáveis para inserção da dimensão ambiental na Formação de Professores. In: **Atas do III EPEA**. 2005.

BARRETO, Andréa Cristina G. P.; GUIMARÃES, Diva Anélie; SILVA, Marilena L. da. Educação Ambiental e representação social: saberes e imagens da prática acadêmica do curso de Pedagogia. In: **Atas do II EPEA**. 2003.

BARRETO, Marcos P. Educação, Meio Ambiente e História: uma Pedagogia para evitar o beijo da morte. In: **Atas do V EPEA**. 2009.

BIZERRIL, Marcelo X. A.; FARIA, Dóris S. Processos de Formação de Professores e o desenvolvimento da Educação Ambiental nas escolas do Distrito Federal. In: **Atas do II EPEA**. 2003.

COSTA, Cristiana M. da; FARIAS, Carmen Roselaine de O.; ANDRADE, Vladimir L. V. X. Tendências da produção científica na interface da formação de professores e educação ambiental. In: **Atas do X EPEA**. 2019.

DINARDI, Ailton Jesus; SAMPAIO, Aloísio C. Pedagogia Histórico-Crítica como prática em Educação Ambiental com enfoque em resíduos sólidos urbanos. In: **Atas do III EPEA**. 2005.

DINIZ, Vanessa L. A educação ambiental no Ensino Fundamental – Ciclo II: um trabalho interdisciplinar de formação de professores. In: **Atas do VII EPEA**. 2013.

FALÓTICO, Miriam Helena B.; PERALTA, Inêz G. Análise de relatos escritos dos graduandos de Pedagogia com relação ao significado de ambiente natural e alterado. In: **Atas do I EPEA**. 2001.

FENSTERSEIFER, Cristiane; LEVY, Maria Inés C.; GALIAZZI, Maria do Carmo. Olhares em situações de Educação Ambiental: um estudo de caso no curso de Pedagogia da FURG. In: **Atas do II EPEA**. 2003.

FIGUEIREDO, Pâmela B.; TOZONI-REIS, Marília F. de C. Formação de professores e educação ambiental: um retrato da educação ambiental nas escolas públicas de Cravinhos/SP. In: **Atas do VIII EPEA**. 2015.

FREITAS, Denise de; COSTA, Gislane G. da. Análise do grau de ambientalização curricular no curso de licenciatura em Pedagogia da Universidade Federal de São Carlos. In: **Atas do II EPEA**. 2003.

GENOVEZ, Cinthia Letícia de C. R.; VALE, José Misael F. do. Os efeitos do processo de poluição das águas do Rio Bauru sob a perspectiva Histórico-Crítica. In: **Atas do III EPEA**. 2005.

GUERRA, Antonio Fernando S.; ROCHA, Marinalva T. D. de; LIMA, Maria Beatriz A. de. Projeto Educado: Uma proposta metodológica de Formação de Professores em uma dimensão ambiental. In: **Atas do I EPEA**. 2001.

JESUS, Marilena C. F. de; BISSARO, Maria Nilda. Educação Ambiental: Um estudo sobre sua aplicação junto aos acadêmicos do Curso de Pedagogia da Faculdade Vale do Cricaré (FVC), São Mateus-ES. In: **Atas do IX EPEA**. 2017.

KATO, Danilo S.; CARVALHO, Natália V.; KAWASAKI, Clarice S. A Contextualização na Educação Ambiental: Análise de um curso de Formação de Professores da Educação básica intitulado “Meio Ambiente e você Professor - uma rede de saberes”. In: **Atas do VI EPEA**. 2011.

LEME, Taciana N.; TRIVELLATO, Silvia Luzia. Semelhança entre os princípios da Educação Ambiental e a Formação de Professores reflexivos. In: **Atas do I EPEA**. 2001.

MENDES, Regina; VAZ, Arnaldo. Mapeamento dos cursos e grupos de estudos em Educação Ambiental que envolvem a Formação de Professores: uma análise preliminar. In: **Atas do III EPEA**. 2005.

MOREIRA NETO, Paula Cristina; SANTOS, Wildson Luiz P. dos. Projeto de Educação Ambiental em escolas do ensino fundamental: atividades esporádicas ou integradas em uma perspectiva da Ecopedagogia. In: **Atas do V EPEA**. 2009.

MUNHOZ, Regina Helena; SANTOS, Edvana T. dos. Educação Ambiental e Formação de professores: abrangência desse tema nos EPEAS. EP In: **Atas do IX EPEA**. 2017.

NEVES, Juliana P.; FESTOZO, Marina B. Problematizando a Formação de Professores Educadores Ambientais. In: **Atas do VI EPEA**. 2011.

OLIVEIRA, Cecília S. de; FERREIRA, Marcia S. Educação Ambiental, Formação de Professores e Currículo: uma análise dos discursos produzidos no cenário educacional (2000-2016). In: **Atas do X EPEA**. 2019.

OLIVEIRA, Maíra G. de; CARVALHO, Luiz Marcelo de. As três dimensões de Educação Ambiental – Política, valorativa e dos conhecimentos – nos projetos políticos – pedagógicos de cursos de Pedagogia de Universidades Federais Brasileiras. In: **Atas do VI EPEA**. 2011.

PENELUC, Magno da C.; MORADILLO, Edilson F. de. Educação ambiental crítica e pedagogia histórico crítica: uma sintonia possível para a formação de professores crítico-dialéticos. In: **Atas do X EPEA**. 2019.

PINTO, Eliane Aparecida T.; SPAZZIANI, Maria de Lourdes, TALAMONI, Jandira Líria B. A formação de professores de pedagogia como educadores ambientais críticos: primeiras aproximações. In: **Atas do VIII EPEA**. 2015.

QUEIROZ, Alvamar C. de; PERNAMBUCO, Marta Maria C. A. Contribuições da Pesquisa- Ação para a Formação de Professores em Educação Ambiental. In: **Atas do I EPEA**. 2001.

RÉDUA, Laís de S.; KATO, Danilo S. A formação de professores e controvérsias envolvendo a biodiversidade: Análise a partir do banco de teses e dissertações do grupo EArte. In: **Atas do IX EPEA**. 2017.

RINK, Juliana; MEGID NETO, Jorge. Ambientalização curricular no ensino superior e formação de professores/educadores ambientais: um panorama das teses e dissertações brasileiras (1987-2009). In: **Atas do VII EPEA**. 2013.

RODRIGUES, Fabiana M.; ECHEVERRÍA, Agustina Rosa. Educação Ambiental em escolas particulares de Goiânia: do diagnóstico a proposições em formação de professores. In: **Atas do III EPEA**. 2005.

ROSA, Ana Maria A.; ZANON, Angela Maria. Visão da educação ambiental na Universidade Federal de Mato Grosso do Sul a partir do diagnóstico entre acadêmicos de cursos de formação de professores. In: **Atas do VII EPEA**. 2013.

SANTOS, Williams dos; ROCHA, Florisvaldo S. A pesquisa-ação como ferramenta da prática pedagógica nos cursos pedagogia: um olhar sobre a formação de pedagogos no que se refere a educação ambiental. In: **Atas do X EPEA**. 2019.

SIERRA, Diana Fabiola; PÉREZ, Leonardo Fabio M.; TALAMONI, Jandira Lília B. Educação Ambiental em alguns cursos de licenciatura: subsídios para pensar a Formação de Professores. In: **Atas do V EPEA**. 2009.

SILVA, Rosana L. F.; LIERS, Laury A.; FREITAS, Simone R. de; PARAJARA, Vinícius M. de; SOUZA, Aloá Dandara de O. Educação Ambiental no contexto das mudanças globais: percepção de alunos e professores e possibilidades a partir de um jogo. In: **Atas do VI EPEA**. 2011.

SOBRINHO, Osleane Patrícia G. P.; ZANON, Angela Maria. Processo formativo docente em Educação Ambiental: reflexões sobre a prática pedagógica e o desenvolvimento de materiais didáticos. In: **Atas do VIII EPEA**. 2015.

SOUZA, Daniele Cristina de. A Pesquisa sobre Formação de Professores em Educação Ambiental: eixos temáticos nas áreas de Educação e de ensino de Ciências e Matemática (2003-2007). In: **Atas do VI EPEA**. 2011.

TEIXEIRA, Lucas André; TOZONI-REIS, Marília F. de C. A educação ambiental e a formação de professores: pensando a inserção da educação ambiental na escola pública. In: **Atas do VII EPEA**. 2013.

TOZONI-REIS, Marília F. de C.; TALAMONI, Jandira Lília B.; SPAZZIANI, Maria de Lourdes; MORALES, Angélica G.; MAIA, Jorge S. da S.; MUNHOZ, Regina Helena; FOSSALUZA, André S.; GONÇALVES, Carlos Eduardo; SOUZA, Daniele; MENDES, Carolina B.; PINTO, Eliane Aparecida T.; NEVES, Juliana P. CRUZ, Lílian G.; TEIXEIRA, Lucas André; CASSINI, Luciana F.; AGUDO, Marcela de M.; FESTOZO, Marina B.; FIGUEIREDO, Pâmela; FRANZI, Simone. Conteúdos curriculares da educação ambiental na escola: contribuições da pedagogia histórico-crítica. In: **Atas do VII EPEA**. 2013.

TRAWITZKI, Henrique; RINK, Juliana. A Ecopedagogia na produção acadêmica nacional em Educação Ambiental: uma análise de dissertações e teses (1981-2012). In: **Atas do IX EPEA**. 2017.

TRISTÃO, Martha. Rede de contextos vivida e tecida: os sentidos da Educação Ambiental na Formação de Professores. In: **Atas do I EPEA**. 2001.

UCHÔA, Rafaella; CASTRO, Leonardo de; SÂNCHEZ, Celso. Análise da Década da Educação para o Desenvolvimento Sustentável (DEDS) da UNESCO a partir da leitura da Pedagogia da Autonomia de Paulo Freire. In: **Atas do IX EPEA**. 2017.

VASCONCELOS, Glauca L.; VARGAS, Icléia A. de. Concepções de Metodologia de Pesquisa em Educação Ambiental e Formação de Professores. In: **Atas do X EPEA**. 2019.

VIVEIRO, Alessandra Aparecida; CAMPOS, Luciana Maria L. Formação de Professores de Ciências e a temática Ambiental: um olhar sobre um curso de licenciatura. In: **Atas do V EPEA**. 2009.

VIVEIRO, Alessandra Aparecida; RUY, Rosimari Aparecida V. Análise da inserção da temática ambiental em produções do estágio supervisionado em um curso de pedagogia. In: **Atas do VII EPEA**. 2013.

ZAKRZEWSKI, Sônia; DEFFACI, Ângela Camila; LOSEKANN, Cassineli C. O estar junto virtual como possibilidade para a Formação de Professores em Educação Ambiental. In: **Atas do III EPEA**. 2005.